

CONCORDÂNCIA VERBAL E FORMAÇÃO DA REALIDADE SOCIOLINGÜÍSTICA BRASILEIRA

VERBAL AGREEMENT AND TRAINING OF BRAZILIAN SOCIOLINGUISTICS REALITY

SILVANA SILVA DE FARIAS ARAUJO
Universidade Estadual de Feira de Santana
silvana.uefs.2014@gmail.com

Discute-se a expressão da concordância verbal de número com a primeira e a terceira pessoa do plural (de forma pomenorizada, com essa última), utilizando-se dados coletados numa cidade do interior do estado da Bahia-Brasil, sendo a variedade linguística analisada tomada como representativa para o que ocorre de maneira geral no Português do Brasil (PB). Os resultados foram comparados com os encontrados por outros pesquisadores que analisaram não só a fala brasileira, mas também a lusitana, buscando-se, assim, encontrar elementos para o debate acerca da importância do contato entre línguas na formação e na caracterização atual da realidade sociolinguística brasileira. Os resultados apontam para um uso preponderante da flexão verbal no Português popular europeu e, por outro lado, para um quadro de pouca flexão verbal em variedades populares do PB. Desse modo, corrobora-se a hipótese de que a sócio-história do PB, marcada pela expressiva importação de escravos africanos, associada a processos tardios de urbanização e de escolarização, influenciou na constituição da identidade linguística brasileira e nega-se a hipótese da deriva natural.

Palavras-chave: Concordância verbal; Sócio-história do Português Brasileiro; Realidade sociolinguística brasileira

It is discussed the expression of verbal and numeral agreement with the first and third person of plural (this last one in detail) using data collected in a city of Brazil's countryside in Bahia, being the linguistic variety analyzed taken as representative for what happens in a general way in Brazilian Portuguese (PB). The results were compared with the ones found by other researchers that analyzed not only the Brazilian speech, but also the Portuguese one, looking for, in this way, finding elements for the debate about the importance of the contact between languages in the shaping and characterization of the current sociolinguistic reality in Brazil. The results point for a dominant use of verbal inflection in European popular Portuguese and, in the other side, for an outlook of little verbal inflection in popular varieties of Brazilian Portuguese. In this way, we can confirm the hypothesis that the social history of Brazilian Portuguese, marked by the excessive importation of African slaves and associated to late processes of urbanization and schooling, influenced the constitution of the Brazilian linguistic identity, and we can deny the hypothesis of natural drift.

Key words: Verbal agreement; Socio-history of Brazilian Portuguese; Brazilian sociolinguistic reality

0. INTRODUÇÃO

O uso variável da concordância verbal é um tema muito estudado com dados do PB. Praticamente, em todos os estados do Brasil, há pesquisadores que se dedicam ou que se dedicaram a sistematizar essa variação. A motivação inicial para a realização deste estudo não foi, entretanto, a ideia de trazer mais resultados sobre a concordância verbal a partir de uma nova amostra, como, aliás, é propalado em muitos estudos consultados para a elaboração desta pesquisa. Pode-se dizer que a principal motivação para a escolha desse tema se assenta na forma exemplar com que este proporciona a discussão sobre a polêmica formação da realidade sociolinguística brasileira.

Nesse sentido, é preciso situar a variação no uso da concordância verbal de número como uma área particular da gramática entrelaçada por aspectos socioculturais. A compreensão para a existência desse entrelaçamento norteia-se, neste estudo, pela sócio-história brasileira, marcada pela colonização portuguesa exploratória (que resultou numa divisão de classes bem nítida), e que levou a que houvesse também uma demarcação nas normas linguísticas utilizadas no Brasil, com níveis altos de variação na concordância de número, principalmente quando comparadas com a situação do Português Europeu, cujas motivações sócio-históricas foram diferenciadas.

Dentre os aspectos sócio-históricos que foram decisivos para a formação bipolarizada da realidade linguística brasileira está a forte presença de africanos, nativos de línguas diversas que adquiriram o Português como segunda língua, numa situação de transmissão linguística irregular. Para além dessa aquisição defectiva do Português, é preciso considerar a discriminação a que foram submetidos a população africana e os afrodescendentes que, associada aos processos tardios de industrialização e de urbanização no Brasil, culminaram por perpetuar a situação diglósica brasileira.

Assim, a pesquisa apresentada neste texto insere-se no âmbito dos estudos que tratam da história do PB, especialmente dos que versam sobre a formação da realidade sociolinguística brasileira em contraponto com a lusitana. Parte-se do princípio de que a sua formação foi marcada por determinadas condições sociais, a exemplo do intenso contato entre povos e línguas, bem como da tardia implantação dos processos educacionais e urbanísticos, que o fizeram ser diferente do Português Europeu (PE). Acredita-se que tais condições sociais repercutiram significativamente na estrutura da língua portuguesa, fazendo com que houvesse uma bipolarização de normas linguísticas no Brasil, com um polo que abriga as variedades cultas, estas mais próximas da norma padrão, e outro que abriga as variedades populares, marcadas por um processo de extrema redução na sua morfologia flexional. Entende-se, igualmente, que, com as profundas e contínuas mudanças ocorridas no Brasil, a partir do século XX, tais normas podem estar em processo de aproximação, com influências mútuas (Lucchesi 2001).

Desse modo, por meio de uma análise variacionista da concordância verbal no Português falado no município de Feira de Santana e também por meio de uma revisão bibliográfica dos estudos sociolinguísticos e sócio-históricos e demográficos, busca-se contribuir para o desvendamento da formação e da caracterização atual da realidade sociolinguística brasileira. Nesse sentido, julga-se extremamente necessário que sejam considerados aspectos externos à estrutura linguística, como, aliás, já era apregoado no texto programático da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968]).

Os resultados encontrados a partir da análise dos dados da fala feirense são tomados como representativos para o que ocorre, de maneira ampla, na realidade sociolinguística brasileira. Acredita-se que o uso variável da concordância verbal de número é pertinente para a abordagem

sócio-histórica que se pretendeu alcançar com este estudo, na medida em que a redução da morfologia flexional nos verbos é algo muito específico do PB e, juntamente com a variação na concordância de número nos sintagmas nominais, “constituem-se a **grande fronteira sociolinguística** da sociedade brasileira” (Lucchesi 2009: 31), sendo, portanto, a variação na concordância verbal um dos efeitos mais notáveis da realidade linguística bipolarizada brasileira, a qual assim já se apresentava desde o seu processo de formação.

1. CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU: ANÁLISES CONTRASTIVAS

O contexto sócio-histórico-cultural do período da transplantação da língua portuguesa para o Brasil foi basilar para imprimir as características que hoje tem a língua majori-tariamente falada no Brasil, em especial no que concerne às suas variedades populares. Assim, quanto à concordância verbal de número no PB, a ideia que se defende neste estudo é o de que houve, nessas variedades, uma erosão na sua morfologia flexional e que, gradativamente, a população usuária do Português Popular a está adquirindo em seu processo de interação com os usuários de variedades linguísticas prestigiadas. Desse modo, a hipótese de trabalho difere da sustentada por outros pesquisadores (Naro e Scherre 1997; Oliveira 2005, entre outros) que partiram da premissa de que o PB rumo a um sistema sem marcas de concordância de número.

Caracteriza o vernáculo brasileiro popular a redução no paradigma de flexão verbal, sendo, pois, a ausência de marcas de número um uso estreitamente vinculado à fala de pessoas pouco escolarizadas e, mais ainda, a pessoas de classes socioeconômicas baixas. No tocante aos estudos já realizados com dados da fala popular europeia, a realidade que se configura é diferente, na medida em que são encontrados, por exemplo, usos linguísticos inimagináveis na fala brasileira popular, a exemplo de “*Nós preparávamos* aquilo.”¹ Para que melhor fique entendida a disparidade entre os resultados da fala popular brasileira e portuguesa, faz-se, a seguir, uma revisão da literatura, tomando por base estudos em que se focalizou a variação no uso do plural nas formas verbais no PB e no PE. Nesse sentido, salienta-se que geralmente é divulgado que os estudos sociolinguísticos ainda são escassos na linguística portuguesa. A pesquisa bibliográfica realizada para este estudo confirma essa notícia, na medida em que, no que tange ao fenômeno do uso variável da concordância de número (tanto a verbal quanto a nominal) apenas, na última década, têm sido documentadas pesquisas feitas com o rigor requerido na metodologia sociolinguística quantitativa, sendo que, anteriormente, as investigações se apoiavam basicamente em monografias dialetais. Dessa forma, embora a variação no uso da concordância verbal (CV) com dados do PB já tenha sido muito investigada, estudos com dados orais do Português Europeu (PE) vêm sendo ainda timidamente realizados, especialmente no que tange a análises contrastivas. Dentre essas, citam-se, por exemplo, as contribuições de Naro e Scherre (2007), Gandra (2009), Araujo (2012), Monguillott (2009), Rubio (2012) e Monte (2012).

Naro e Scherre (2007) lançaram um livro com uma coletânea de artigos que já haviam sido previamente publicados ao longo de suas carreiras. Nos capítulos do livro (os artigos revisados e ampliados em razão da organização do livro), defendem veementemente que as características

¹ Dado do CORDIAL-SIN (http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php), levantado na fala de um informante com as seguintes características socioculturais: sexo masculino, 65 anos, analfabeto, morador do Distrito de Viana do Castelo.

identificadoras do vernáculo brasileiro não são inovadoras, sendo, na verdade, continuação de variantes lusitanas. Chegam a afirmar que “as evidências apresentadas neste capítulo [...] mostram que o português europeu não-padrão é suficiente para dar conta da gênese do português brasileiro, não existindo justificativa para buscar outras fontes mais distantes” (2007: 114). Segundo os autores, o Português do Brasil estaria seguindo/obedecendo a tendências prefiguradas da estrutura da língua portuguesa, intensificadas, no Brasil, por uma “confluência de motivos”:

A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento. No Brasil, este vetor se encontrou com outras forças que reforçavam a direção original.

(Naro e Scherre 2007: 47)

Fica evidente que, na explicação para a mudança linguística, embasam-se na deriva (*drift*), proposta por Sapir (1954 [1920]), aplicando-a como uma hipótese interpretativa para a formação do PB; seguindo o raciocínio de Sapir (*op. cit.*:151), “a linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva”.²

Quanto à análise comparativa entre o PB e o PE, afirmam que as características morfossintáticas e fonológicas geralmente apontadas como típicas da fala popular brasileira podem ser encontradas também na fala portuguesa “corrente e usual” (Scherre 2007: 21), ficando subentendido que há, no Português Popular Brasileiro, uma herança românica e portuguesa arcaica e clássica. Assim, em consonância com a interpretação para a mudança linguística, pautada na crença da deriva secular da língua portuguesa – a qual procura na própria estrutura linguística fatores para a explicação das transformações linguísticas –, os pesquisadores defendem que a língua portuguesa possui “tendência” à desnasalização em contexto de final de vocábulo, o que explicaria o uso variável na CV com a terceira pessoa do plural (P6), conforme explanam no trecho seguinte: “Admitindo que a mudança linguística que envolve a concordância verbo/sujeito tenha se iniciado na fonologia, precisamente através da desnasalização, concluímos que suas origens remontam pelo menos até os tempos pré-clássicos” (Naro e Scherre, 2007: 33). Portanto, os autores não distinguem a ocorrência desse processo fonológico na parte final do lexema e na do morfema flexional de número, quando, na verdade, são muito diferentes usos como “a viage” e “eles come”, em que, na primeira, não há interferência gramatical, enquanto, na segunda, há. Além disso, destaca-se que na fala popular brasileira, é muito comum usos como “nós vai”, “eles é” e “tu vai”, que não podem ser interpretados como decorrentes de processos fonológicos de desnasalização.

Saliente-se que os exemplos de falta de concordância verbal encontrados nos trabalhos de pesquisadores portugueses e utilizados por Naro e Scherre (2007: 55-57) são basicamente referentes à terceira pessoa do plural, sendo alguns deles em contextos de posposição do sujeito, como os seguintes (i) “*Era duas, três sardinha*”; (ii) “*É duas partes pru dono e uma pa cada um da gente*”; (iii) “*condo morria pessoas de família chigada*”, contexto esse apontado como altamente favorecedor da não concordância. Há, por outro lado, dados que evidenciam uma não concordância em contextos que não sejam tão específicos, como (iv) “*mas, minha sinhora, pescadas e linguado nunca lá faltô a eles*”. Também apresentam exemplos de concordância com característica bem criouliante: (v) “*Eu onte foi à Malhada*”. Mas todos os usos variáveis

² Em relação a essa direção das mudanças linguísticas, ressalta-se que é inapropriado entender o processo de mudança dessa forma, pois, como defende Labov (1982: 20-21), é necessário considerar as condições sócio-históricas em que as mesmas ocorrem, integrando o conjunto das relações sociais, culturais e ideológicas nas quais a língua se atualiza.

de concordância verbal, e de outros usos utilizados pelos autores, são apontados sem uma descrição estatística, de modo que não é possível saber se se trata de uma variação ou de ocorrência pontuais. Como, em Portugal, não há muitos estudos realizados com a teoria sociolinguística quantitativa, e os dados recolhidos pelos autores foram obtidos com o uso da metodologia dialetológica tradicional³, essa dúvida não pode ser sanada, embora o estudo realizado por Gandra (2009), entre outros que serão comentados nesta seção, aponte que não é muito comum a falta de concordância verbo-sujeito no PE.

A referida autora realizou um estudo, tendo como *corpus* dados do projeto CORDIAL-SIN, com entrevistas gravadas em comunidades rurais portuguesas, cujos informantes possuíam pouca ou nenhuma escolarização. Os resultados apontam para um preponderante uso da concordância padrão entre o sujeito e o verbo, pois das 904 ocorrências de verbos com sujeito referencial na terceira pessoa do plural apenas 32 ocorrências (3.5%) apresentam perda da concordância, ou seja, o percentual de concordância atinge o altíssimo índice de 96.5%. A autora salienta que, das 32 ocorrências de verbo no singular com sujeito referencial na terceira pessoa do plural encontradas, 14 frases possuem sujeito posposto, quase todas com estruturas predicativas ou verbos inacusativos. “Estruturas que, segundo a análise gerativa, não seriam casos de perda de concordância, mas de concordância com um sujeito expletivo nulo que estaria ocupando a posição de sujeito” (Gandra 2009: 159). Destaca ainda a disparidade dos seus resultados quando comparados com os resultados obtidos por Silva (2005) e a similaridade com os de Souza (2005), que utiliza dados do Português arcaico:

O índice de 3,5% de perda de concordância revela uma situação oposta àquela analisada por Silva (2005) no interior baiano, de 83% de não-aplicação da regra. Ao serem comparados os dados obtidos nos registros de fala do português rural atual com o estudo de Souza (5% de perda de concordância), constata-se que muito provavelmente, não houve crescimento de perda de concordância no português europeu, dos séculos XIII/XIX ao século XX – trata-se de evidências linguísticas de que os oito séculos da sócio-história do português em Portugal foram, de fato, diferentes dos cinco séculos de história do português no Brasil.

(Gandra 2009: 146-147).

É visível que o comportamento do Português Popular Europeu, no que tange a esse fenômeno linguístico, difere do que ocorre no Brasil. A situação lusitana atual para a perda da morfologia flexional está mais próxima da realidade do Português arcaico, estudado por Mattos e Silva (1989) e por Souza (2005). Esses pesquisadores demonstram que o comportamento sintático generalizado é o de aplicação da regra de concordância, havendo apenas variação em casos muito específicos, a exemplo de casos de concordância semântica, em que o sujeito apresenta sentido de pluralidade e sujeito singular, do tipo “o povo foram”. Desse modo, corrobora-se a hipótese de que a sócio-história do PB, marcada pelo contato entre línguas, influenciou na constituição da identidade linguística brasileira e nega-se a hipótese da deriva natural da língua, segundo a qual perdas de marcas de concordância estariam prefiguradas na língua portuguesa. Ressalta-se que os resultados obtidos por Gandra (2009) trazem um percentual de marcas explícitas de plural nos verbos ainda maior do que o encontrado por Souza (2005), sendo que este analisou dados do Português arcaico. Assim, se a língua portuguesa tem uma deriva, fica difícil constatar-la, já que existe uma enorme distinção entre o PB e o PE.

Os dados do CORDIAL-SIN também possibilitaram a investigação realizada por Araujo (2012), que investigou a concordância verbal com a primeira pessoa do plural (P4). Para essa

³ Cardoso (2010) explana sobre as fases da metodologia dialetológica, expondo que, na atual, existe uma preocupação em se coletar dados representativos das comunidades, considerando-se, inclusive, a estratificação dos dados com base nas variáveis faixa etária, gênero, escolaridade etc.

pessoa gramatical, foi encontrada apenas uma única ocorrência de ausência de marcas de plural (de um total de 128 dados), contabilizando 0.8%⁴. Ressalta-se, contudo, que a aplicação da concordância pode ser vista como categórica, não apenas pelo índice de aplicação que se aproxima dos 100%⁵, mas também pelo fato de o exemplo encontrado ser considerado caso de concordância facultativa, até mesmo, pela tradição gramatical: *sujeito composto em posição pós-verbal*. Os resultados foram comparados com dados do PB, cujas características socioculturais dos informantes são equivalentes às dos informantes europeus⁶, sendo o índice de ausência de marcas explícitas de CV encontrado de 40.9%. Julga-se que o percentual só não foi maior em face da alta frequência do uso da forma pronominal *a gente* com formas verbais não marcadas na amostra brasileira, principalmente entre os informantes mais jovens, sendo que esses dados não foram computados.

Dessa forma, no que concerne ao uso variável com sujeitos de primeira pessoa do plural, cuja ausência de plural é apontada, inclusive, por Bortoni-Ricardo (2011[1985]) e por Rodrigues (1987) como ainda mais típica do vernáculo popular brasileiro, fica evidente que as variedades brasileira e europeia do Português são díspares, tendo duas gramáticas distintas, estando os resultados da variação com a fala popular europeia mais próximos do que ocorre na fala culta brasileira.

Nos estudos de Monguilhott (2009), Rubio (2012) e Monte (2012), adotou-se a metodologia sociolinguística, inclusive tendo sido feitas análises com pesos relativos, embora apenas o primeiro e o terceiro foram realizados após se constituírem amostras intercomparáveis entre o PB e o PE. A primeira amostra foi constituída de 16 entrevistas gravadas em Lisboa – Cascais e Sintra (consideradas comunidades não urbanas) e na Região Central e Belém (consideradas comunidades urbanas) –, cujos resultados foram comparados com os obtidos a partir da análise de 16 entrevistas gravadas em Florianópolis (capital de Santa Catarina/Brasil). No terceiro estudo, a análise empírica foi realizada com base na análise contrastiva da fala de 18 pessoas residentes na cidade de São Carlos (interior do estado de São Paulo/Brasil) e a fala de 18 pessoas residentes na cidade de Évora (situada no Alentejo, sul de Portugal). Já o estudo de Rubio (2012) fundamentou-se na análise comparativa entre entrevistas gravadas em diferentes regiões de Portugal, tendo como base o *Subcorpus Oral Espontâneo do projeto Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e o *Banco de Dados Iboruna*, que focaliza o Português falado na região de São José do Rio Preto, sendo parte do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). Nas investigações desses três autores, foram encontrados, respectivamente, os seguintes índices de ausência das marcas de plural nas formas verbais com a 3ª pessoa do plural no PE: 8,05%, 6,1% e 6,9%. Inicialmente, merece comentário a baixa frequência da variante não padrão na fala portuguesa. Nesse sentido, vale destacar que os trabalhos com dados do PB, mesmo quando são considerados resultados gerais (isto é, quando são analisados, conjuntamente, os dados de fala de informantes com alta e baixa ou nula escolaridade), os índices de ausência de marcas de plural são mais altos 19.4%, 51.8% e 52.3%, (cf., respectivamente, Monguilhott, 2009; Monte 2012; Araujo 2014). Essa realidade aponta, mais uma vez, para uma diferença entre as duas variedades do Português.

⁴ A ocorrência encontrada foi “*ERA eu e o meu marido; fiz isso muitos anos.*”. Trata-se de uma resposta dada por uma mulher da faixa mais alta quando indagada pelo inquiridor sobre quem trabalhava na fabricação dos tecidos (Inq: E eram os homens que faziam?).

⁵ Atente-se ao postulado por Labov (2003) sobre regras categóricas, semicategóricas e variáveis.

⁶ Doze informantes, com pouca ou nenhuma escolarização, residentes na zona rural do município de Feira de Santana-Ba. Acervo do Projeto “A língua portuguesa do semiárido baiano – fase 3”.

Quanto à seleção das variáveis linguísticas e socioculturais identificada nas pesquisas, com dados do PE, citada acima, acredita-se que alguns resultados são bem propícios para se discutir a polêmica formação do PB, além de ratificar a hipótese da relevância do contato entre línguas na formação da realidade sociolinguística brasileira. Destacam-se, por exemplo, os resultados advindos do controle da variável saliência fônica. Sobre essa variável, é sabido que, desde que Lemle e Naro (1977) – sem correlacionar a questão da saliência fônica da oposição singular e plural nos verbos à formação do PB – utilizaram esse grupo de fatores no estudo da concordância verbal, o mesmo tem sido constantemente investigado. Os autores comprovaram que formas verbais mais salientes fonicamente tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes. Naro (1981: 78) refinou a análise, propondo uma escala de saliência que se pauta em dois critérios, o da presença ou ausência de acento na desinência e o da quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma do plural, isto é, um grupo de tonicidade e um grupo de diferença de material, tendo a variável seis fatores, que vai dos menos aos mais salientes. É essa escala proposta pelo autor a que mais tem sido utilizada nos estudos.

Nos estudos que controlaram a referida variável nos dados do Português Europeu, a variável não tem se mostrado relevante, ao contrário do que se constata na maioria dos estudos com dados do PB, principalmente com dados da fala popular. Dos trabalhos acima comentados, apenas o trabalho de Monte (2012) teve a variável selecionada, conforme revela o quadro abaixo:

Trabalhos sobre concordância verbal em diferentes <i>corpora</i> do PE	Variáveis selecionadas
Lisboa (Monguilhott 2009)	<ul style="list-style-type: none"> – Traço semântico do sujeito/SN – Posição do sujeito em relação ao verbo – Tipo de verbo – Idade/escolaridade
CRPC – Portugal (Rubio 2012)	<ul style="list-style-type: none"> – Posição do sujeito/SN em relação ao verbo – Traço semântico do sujeito/SN – Tipo estrutural do sujeito/SN
Évora (Monte 2012)	<ul style="list-style-type: none"> – Posição do sujeito/SN em relação ao verbo – Traço semântico do sujeito/SN – Tipo estrutural do sujeito/SN – Tipo de verbo (verbo ‘ser’ <i>versus</i> outros verbos) – Saliência fônica verbal – Gênero

Quadro 1. Variáveis selecionadas em diferentes trabalhos com o Português Europeu

Na pesquisa de Monte (2012), foi identificada uma significância para a saliência fônica, sendo a variável selecionada em penúltimo lugar. Ao cruzar as variáveis *saliência fônica* e *verbo ‘ser’ e outros verbos*, verificou-se, contudo, que o aumento da aplicação da regra padrão aumenta mais com o verbo ‘ser’, algo que sugere que a seleção da saliência fônica tenha se dado devido à particularidade desse tipo de verbo. Ao contrastar dados do PB e do PE, em termos de resultados da variável saliência fônica, o autor chegou à conclusão de que há um comportamento diferenciado entre as duas variedades:

A escala da saliência fônica na sua primeira dimensão (oposição não marcada, desfavorecendo a concordância, vs. oposição marcada, favorecendo a concordância) é mais nítida para os dados do português brasileiro. O salto do nível 1 para o nível 2 é muito significativo nessa variedade. Já no PE, a passagem do nível 1 para o nível 2 não é tão demarcada.

(Monte 2012: 149)

Portanto, sobre esses resultados, é justo interpretá-los como representativos de duas histórias sociolinguísticas distintas, a do PB e a do PE, em que, no Brasil, inevitavelmente, a ausência de plural nos verbos é associada à população marginalizada ao longo da história brasileira. Sobre isso, destaca-se a declaração feita por Guy (2005):

[...] a escala de saliência funciona como uma escala de facilidade de aquisição. Na aquisição de uma regra por uma pessoa que não tem essa regra, a escala de saliência atuaria no sentido de que ela adquiriria primeiro os casos mais óbvios, mais salientes, e os mais difíceis de aprender seriam adquiridos só depois. Assim, esses dados podem ser interpretados como evidência de uma história em que havia uma comunidade de pessoas que não tinham essa regra de concordância, e que a estavam adquirindo através do contato com falantes nativos, que mostravam a regra nas suas produções orais. Este é o caso que existiu na história das línguas crioulas, durante os processos de pidginização e descrioulização.

(Guy, 2005: 26).

No trabalho de Monguilhott (2009: 150), a variável não foi selecionada, nem mesmo nos dados de informantes com apenas escolarização de nível fundamental da zona não urbana. A autora constatou, inclusive, que, com verbos com saliência máxima, ocorria a menor frequência de aplicação da regra padrão. Assim, atribui esse resultado ao fato de ser nesse fator que se abrigavam os dados de verbo cópula (*é/são*), tipo de verbo que desfavoreceria a marcação explícita de plural, levando-a a afirmar: “O que parece ocorrer no PE é que esses pares, embora salientes, não parecem apresentar estigma social”. Sobre isso, ressalta-se que a delimitação diferenciada que se verifica nos dados da norma popular brasileira, quando comparada com a europeia, pode ser explicada pelo grande estigma associado à variante zero no PB, ainda mais nos casos de maior percepção fônica, e que esse estigma, por sua vez, se associa ao fato de a variante zero ser mais típica da fala de pessoas “marginalizadas” ao longo da sócio-história brasileira. Assim sendo, na variação na fala popular (caminhando para aproximar-se mais da norma culta), com processos de mudanças de “cima para baixo”, é natural que os falantes usem mais a regra padrão em contextos mais salientes, justamente por serem mais perceptíveis no nível fônico.

No estudo de Rubio (2012), apenas três variáveis foram relevantes para o uso da forma padrão, estando estas relacionadas com a posposição do sujeito (*cf.* Quadro 1). O autor surpreendeu-se com a não seleção da variável *saliência fônica*, conforme se vê em sua argumentação:

Chama a atenção o fato de a categoria *saliência máxima* ter apresentado percentual menor que as demais para o emprego de verbos em 3PP (90%). A hipótese, baseada em estudos do PB, era de que esse nível de saliência apresentasse o maior percentual de CV da amostra, o que, no entanto, não ocorreu. Em análise qualitativa das ocorrências com saliência máxima que não apresentaram verbos em 3PP (10 ocorrências) foi possível constatar que, em seu total, tratava-se de contextos com o verbos *ser*, como os apresentados abaixo em (84.a), (84.b) e (84.c).⁷

⁷ Os exemplos elencados pelo autor são: “(84.a) mas isso, felizmente *os incêndios do monte* é no verão, quando a gente vê o sol, não é, e quando há, quando há, às vezes uma pessoa se for a tempo apaga aquilo depressa.”; “(84.b) : é. e depois há, há isto que, que parece-me, parece-me que tem importância, é que, dantes a farmácia era a farmácia oficina, on[de], onde ha(...), havia... como sabem... agora *os medicamentos* é quase tudo especializado e “(84.c) *as picarias* é um género de touros só para curiosos, não, não é toureiro, nem nada; largase um touro”.

Assim, é notável a atuação da variável *Saliência fônica* na aplicação da regra padrão de concordância verbal no português brasileiro popular, contrastando com o que se verifica no PE e na norma culta brasileira (Araujo 2014). Nesse sentido, esse comportamento diferenciado é facilmente explicável se for considerada a história sociolinguística brasileira, em que, na norma popular, houve uma erosão da morfologia flexional no passado, em função do contato entre línguas, e essa perda da morfologia flexional da língua portuguesa está sendo recuperada, por influxos de padrões linguísticos “mais elitizados”, sendo os contextos mais salientes os mais fáceis de serem adquiridos e também os mais evitados pelos falantes adquirentes da variedade padrão. Na próxima seção, serão focalizados mais diretamente dados da sócio-história do PB e do PE.

1.1. Dados sócio-históricos

Como já foi exposto neste texto, acredita-se que os níveis de variação na flexão verbal de número observados no português do Brasil, bem como os processos diferenciados de mudança linguística que se identificam em seu interior, têm origem nas condições particulares de formação do PB. Parte-se do princípio de que a grande maioria da população que habitava o Brasil, quando de seu processo de formação, adquiriu uma gramática em que configuravam as formas verbais sem flexão e que essa característica ficou definida na população mais diretamente relacionada a esse grupo. Desse modo, como será discutido nas seções 3 e 4, defende-se que, para se definir o que é conservador e inovador nas variações linguísticas do PB, faz-se necessário, primeiramente, considerar a história sociolinguística diferenciada das duas de suas normas: a popular e a culta. É importante ressaltar também que esse entendimento se fundamenta na visão de que os estudos linguísticos devam apoiar-se em estudos sócio-histórico-culturais. Coaduna-se, pois, com Labov (2008 [1972]: 21), para quem o estudo da mudança linguística deve ser realizado levando-se em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre, de modo que a abordagem sobre a formação da realidade linguística brasileira feita neste estudo toma por base, além de pesquisas linguísticas, algumas realizadas em áreas como a história e a sociologia.

Nesse sentido, sobressai a importância de se considerar a transmissão linguística irregular na formação da identidade sociolinguística brasileira, aplicando-a não apenas no tocante à participação africana, mas também à indígena. Por outro lado, fatos da sócio-história do Brasil conduzem a se ver a população africana como os grandes difusores do “português geral brasileiro”. Entre esses fatos, destaca-se, primeiramente, a intensa participação de negros africanos e de seus descendentes na demografia histórica do Brasil em comparação com a extrema redução dos índios, conforme evidencia o quadro seguinte, elaborado por Mussa (1991: 163), que considerou dados de diversas fontes, inclusive do primeiro censo realizado no Brasil por José de Anchieta no ano de 1583:

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%

Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Quadro 2. Demografia histórica da sociedade brasileira, segundo proposta de Mussa (1991)

Assim, embora não ignore a participação indígena na difusão do português modificado na sócio-história do PB, Mattos e Silva (2001) traz informações pertinentes para sustentar a hipótese de que a população de origem africana constituiu a força motriz para difundir o português no Brasil em detrimento das línguas indígenas e, mais ainda, que foi a responsável por generalizar as características motivadas pelo contato entre línguas na formação do PB. Embasando-se na leitura da obra *Liberdade por um fio: a história dos quilombos no Brasil*, a pesquisadora apresenta as conclusões expostas por Funari (1996) e Price (1996) de que, nesses considerados “espaços ilegítimos da escravidão”, a língua utilizada era a portuguesa e não outras de origem banto, de forma tal que os africanos e seus descendentes difundiram o “português geral brasileiro”.

Nesse cenário de multilinguismo, obviamente, não é de surpreender que tenha havido mudanças linguísticas “de baixo para cima” (Labov 2008 [1972]). A acuidade de Silva Neto, ainda na década de cinquenta do século passado, já o levava a identificar tal fato:

Na variegada sociedade colonial brasileira, o cume da pirâmide social estava exposto, de certo modo mais do que hoje, às influências das classes sociais inferiores. Trata-se, aliás, de um fato bem conhecido em sociologia: a *influência inversa*, isto é, aquela que se exerce do “inferior” sobre o “superior”.

(Silva Neto 1963: 110)

Por outro lado, essas interferências não levaram à formação prototípica de um crioulo, ainda mais porque, no século XVIII, a vinda de muitos portugueses, com o ciclo do ouro e com a transferência da família real em 1808 aumentou a facilidade de acesso à língua-alvo por falantes não nativos do português. Foi marcante para a feição da norma brasileira também a vinda de imigrantes europeus e asiáticos, no final do século XIX e início do XX, para trabalharem no Brasil (a princípio, concentrados em estados das regiões Sul e Sudeste e agregados ao estrato baixo da sociedade), os quais também adquiriram a língua portuguesa em condições especiais: como língua segunda e livre de normatizações.

No século XIX, intensifica-se a polarização sociolinguística, presente desde os primeiros anos da colônia, pois a incipiente elite cultural brasileira esforça-se para retirar de cena os matizes que revelassem a ancestralidade da nação brasileira, marcada pela ruralidade e pela língua formada por diversos contatos linguísticos. Assim, as características do PB, moldadas desde o início da colonização por processos de transmissão linguística irregular, passou a sofrer uma forte tentativa de ocultação por parte daqueles que mantinham fortes elos com a Europa (Pagotto 1998), embora ainda subsistam de forma inequívoca na fala de segmentos populares e, até mesmo, na fala dos escolarizados, em face das interferências múltiplas.

Desse modo, a língua portuguesa no Brasil, afetada por processos de transmissão linguística irregular, inicialmente, na aprendizagem dos índios e, mais tarde, dos negros, foi incorporando fatos linguísticos comuns em situações de contato entre línguas. No decorrer dos séculos, esses fatos foram sendo mais difundidos social e espacialmente. Essa difusão se deve, sobretudo, ao fato de os europeus (asiáticos, alemães e italianos) generalizarem esses fatos – inclusive no estrato socioeconômico mais alto da sociedade – e pelo constante deslocamento de escravos nos diversos ciclos econômicos na história brasileira (Lucchesi 1998, 2001, 2002, 2009, entre

outros; Lucchesi e Baxter 2009 e Mattos e Silva 2000, 2002, 2008, entre outros). Assim, o projeto da elite brasileira não conseguiu homogeneizar e nem europeizar o PB, mesmo porque, conforme se demonstra, a seguir, outros fatos socioculturais, além da demografia histórica, foram mais imperativos na constituição brasileira da língua portuguesa.

Com o declínio dos lucros na lavoura canavieira e com a descoberta das minas de ouro no século XVIII, os africanos e seus descendentes foram penetrando o interior do país. Essa interiorização da variedade modificada da língua portuguesa foi intensificada com a emergência das plantações de café a partir do século XIX. Nesse sentido, salienta-se que eram constantes os deslocamentos dos escravos – mesmo antes da descoberta de pedras e metais preciosos em Minas Gerais –, uma vez que os colonizadores do Brasil utilizarem técnicas agrícolas muito elementares, o que ocasionava o desgaste precoce dos solos, obrigando os proprietários a procurarem novas terras.

Nesse quadro de ampla difusão do português adquirido livre de normatizações, de “oitiva”, como segunda língua, consolidaram-se os matizes que deram o tom do português brasileiro, de maneira que se consolidava a polarização sociolinguística do Brasil, principalmente nas concentrações urbanas que já existiam. De um lado, o português “modificado”, falado pelo extenso contingente populacional do Brasil e, de outro, o português idealizado pela escassa elite brasileira, zeladora dos padrões linguísticos e culturais lusitanos.

Assim, como preconceito social e linguístico correlacionam-se, as marcas características das variedades populares brasileiras não demoraram a ser estigmatizadas, uma vez que aqueles que estudaram e/ou que eram favoráveis à europeização da cultura brasileira tiveram acesso às avaliações negativas sobre essas variedades. Dentre esses aspectos estigmatizados, sem dúvida, a ausência da concordância entre verbo e sujeito é a marca linguística “denunciadora” da origem popular do falante, independentemente de sua origem geográfica.

Retomando a discussão sobre as duas principais propostas para a gênese dos fatos linguísticos definidores do PB, especificadas no início deste capítulo – a da deriva e a da transmissão linguística irregular –, afirma-se que, devido aos fatos sócio-históricos arrolados neste texto, avulta a importância de se considerar a importância do contato entre línguas na formação do português popular brasileiro. Fica evidente que a razão das semelhanças em diversas amostras do português popular do Brasil se relaciona à sua origem amalgamada por processos de transmissão linguística irregular. Assim, O abismo que separa a fala culta da popular no Brasil, com diferenças de usos e de tendências consideráveis, não pode ser correlacionado a uma deriva linguística. É mais coerente interpretá-lo à luz de uma consistente análise sócio-histórica, correlacionando-a a análises empíricas, feitas a partir de dados linguísticos controlados por meio de um aparato teórico-metodológico que dê conta da sistematização entre língua e sociedade. Nesse sentido, além da demografia histórica e do deslocamento constante dos “atores” da formação da nação brasileira, reforçou a constituição do PB o atraso de urbanização (e da conseqüente economia industrial) e de políticas de escolarização, fatos esses que, interligados, fundiram e espalharam as características do PB. Esses dois processos são abordados a seguir.

No plano linguístico, fica evidente, portanto, que a variedade modificada do português, alterada por profundas modificações induzidas pelo contato entre línguas e pela transmissão linguística irregular do português, iniciadas em contextos rurais, perpetuou-se, principalmente, entre a população pobre do Brasil, mesmo depois de proclamada a abolição da escravatura (e com um aumento da urbanização brasileira), pois, sem condições de se integrarem ao “mundo dos brancos”, os africanos, índios e seus descendentes tiveram apenas alternativas deploráveis como opções de inclusão na nova ordem social. Desse modo, com essa parcela da população,

sem maiores oportunidades de contato com variedades cultas do português e sem contar com um sólido e eficiente sistema educacional – que poderia mais rapidamente levar à aquisição de estruturas mais próximas da norma padrão (ou seja, à aquisição de um padrão culto) –, mantém-se, em grande escala, a realidade variável, heterogênea e polarizada do português (Lucchesi 2002: 76).

Admitindo que as pessoas que tiveram acesso à escolarização são os prováveis usuários das normas cultas do PB (já que mantiveram um maior contato com a norma padrão), é possível afirmar que, no Brasil, ainda existe uma situação sociolinguística bipolarizada, abrangendo o *Português Culto* e o *Português Popular*. Nesse sentido, considerando ainda a alta taxa de analfabetos funcionais⁸ na faixa etária de pessoas acima dos quinze anos, sobressai, nos resultados da SIS (2010), o percentual de brasileiros com incipiente contato com a cultura letrada e, conseqüentemente, com pouco acesso às normas cultas do PB. Segundo a pesquisa, 20.3% do total de brasileiros com mais de quinze anos de idade são analfabetos funcionais⁹. Assim, pode-se calcular que mais de 30% da população na faixa etária acima dos quinze anos têm poucas chances de serem representantes de usuários da norma culta.

Se para definir um falante como culto for adotado o critério utilizado no Projeto NURC¹⁰, isto é, o de ter o falante concluído o nível superior de escolarização, ainda mais se destacará o disparate na bipolarização sociolinguística brasileira, uma vez que apenas 10,6% do total da população brasileira possuem curso superior completo, segundo a SIS (2010). Obviamente, essa defasagem em relação à escolarização da sociedade brasileira tem raízes no passado do Brasil, refletindo as políticas elitistas executadas ainda durante a época colonial e imperial e nos primeiros anos da república.

Concluindo esta seção, é pertinente destacar que as instâncias educativas brasileiras não se prepararam adequadamente para receber uma nova parcela da população que começou mais a adentrar nas escolas a partir da segunda metade do século passado, de maneira que a falta de uma pedagogia culturalmente sensível pode explicar em boa medida o fracasso escolar dos alunos das camadas mais baixas da sociedade brasileira.

Nesse sentido, fazendo-se uma breve incursão sobre a escolarização em Portugal, evidencia-se que esse país também não tem uma longa tradição de ensino.¹¹ E, em alguns aspectos, até esteve atrás do Brasil em termos de políticas públicas destinadas à educação. Em Portugal, por exemplo, apenas no ano de 1870, foi criado o primeiro *Ministério da Instrução Pública*, algo já existente no Brasil logo nos primeiros anos após a sua independência. Compreende-se, assim, que o sistema escolar português não contava com um efetivo controle nem com planejamentos. Sobre isso, ao discorrer acerca de medidas de controle do ensino em Portugal, posiciona-se Carneiro (2003):

Como prevíamos, não detectamos muitas situações desse tipo no primeiro meio milênio de Portugal como nação, pois, nessa fase da vida nacional, o ensino não foi objecto de muita atenção por parte dos responsáveis pela administração do País.

Carneiro (2003: 19)

De modo geral, a população portuguesa não era escolarizada:

⁸ Percentual de pessoas com menos de quatro anos de estudo. Aí, podendo incluir, até mesmo, pessoas que exclusivamente assinam o próprio nome.

⁹ Atente-se para o alto valor em números absolutos de brasileiros nessa situação. Segundo dados da UNESCO, no ano de 2002, havia 32,1 milhões de analfabetos funcionais no Brasil, o que representava 26% da população de quinze anos ou mais de idade.

¹⁰ Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, implantado no Brasil em 1969.

¹¹ De igual modo, salienta-se a sua origem rural, com base, entre outros autores, em Cunha (1972: 70-73).

Até D. Dinis, nenhum dos nossos reis assinou do seu punho qualquer documento, e o mesmo se deu com personagens de alta importância social. No clero, havia indivíduos, que aliás ocupavam por vezes boas posições, inteiramente analfabetos.”

(Coelho 1973: 62-64 *apud* Carneiro 2003: 37)

Dessa forma, no fim do século XVI, era mínima a preocupação do poder real com a instrução do povo que residia neste extremo da Europa, mas, curiosamente, havia uma preocupação com a instrução dos seus colonos, tratando de alfabetizar os autóctones, enviando-lhes, inclusive cartilhas.

Nesse cenário, formaram-se as condições para a educação atual em Portugal. Segundo o Censo de 2001, 9% da população com mais de dez anos (atingindo quase um milhão de pessoas) era analfabeta naquele ano, sendo esta a maioria residente na região sul. Ainda assim, embora Portugal seja o país com maior taxa de analfabetismo da Europa, apresenta, nos últimos trinta anos, uma redução de 17% (Candeias *et al.* 2007).

Diante desse quadro, faz-se uma indagação acerca das divergências entre o PB e o PE. Se não é possível afirmar que a origem dos fatos característicos da gramática brasileira se deva à ausência de uma forte estrutura educacional no Brasil, tendo em vista que, em Portugal, isso também ocorreu, onde buscar explicações para essas divergências? Acredita-se que na demografia histórica brasileira e no conseqüente contato entre línguas que dela decorreu.

Quanto à presença africana em Portugal, afirma-se que essa foi muito menor do que a que se deu no Brasil, pois, embora os escravos fossem vendidos em Portugal e na Europa, foi com a exploração das colônias americanas que o tráfico atingiu grandes proporções.

O primeiro lote de escravos africanos transportados para Portugal foram os que a tripulação do navegador Antão Gonçalves comprou na costa do Argüim (hoje Mauritânia) em 1441, estendendo-se o tráfico até 1761, quando este foi abolido pelo Marquês de Pombal na Metrópole e na Índia, só durando, portanto, cerca de 300 anos a exploração de mão de obra escrava africana. Especula-se que muitos tenham voltado para a África ou seguiram à força para o Brasil, onde teriam continuado a saga da escravidão, enquanto os libertos acabariam se extinguindo naturalmente. No Brasil, por outro lado, o número de africanos importados, era muito alto ainda no século XIX, com todas as atividades britânicas de repressão ao tráfico, até chegar ao ano de 1850, com o fim do tráfico de escravos, como destaca Holanda (1963: 61):

1845	19.463
1846	50.354
1847	56.172
1848	60.000
1849	54.000
1850	23.000

Quadro 3. Número de africanos importados, segundo Holanda (1963: 61)

Acredita-se que essa temática da presença africana em Portugal precisa ser mais bem avaliada, mas, em todo caso, para o objetivo deste trabalho, julga-se que é possível explicar as origens do PB pela história de contato entre línguas diversas na sócio-história brasileira.

Reproduz-se aqui a posição expressa em Bortoni-Ricardo *et al* (2008), que sintetiza a posição assumida ao longo deste texto:

Seja como for, o contato entre as línguas, a ausência de um sistema educacional e a ínfima circulação de textos escritos em português - já que até 1809 era proibida na Colônia qualquer atividade de imprensa - contribuíram para formar no Brasil uma variedade dialetal de português oral, muito distinta da língua falada e escrita em centros urbanos em Portugal e, posteriormente, no Brasil. Com pequenas diferenças regionais, essa variedade difundiu-se por todo o território brasileiro, com mais vitalidade nas grandes extensões rurais, pois nas cidades incipientes iria concorrer com o português lusitano, já em vias de padronização na sua modalidade escrita.

Bortoni-Ricardo *et al.* (2008: 227-228)

2. METODOLOGIA

Para a análise empírica deste estudo, estipulou-se como variável dependente a concordância verbal de número com sujeitos de terceira pessoa do plural em orações finitas, ou seja, não foram consideradas formas de infinitivo flexionado. A variável é binária, sendo constituída pelas variantes *presença de marca de plural* (variante padrão ou variante explícita) e *ausência de marca de plural* (variante não padrão ou variante zero). Os trechos seguintes, extraídos do *corpus*, exemplificam-nas:

(3) Mas já tive colegas que **morreram** de acidente. (Variante padrão ou explícita)

(4) Por que o progresso vai chegando e as coisa **vai** mudando, né? (Variante não padrão ou zero)

Foram consideradas variantes padrão aquelas em que se observa a presença de marcas de plural, mesmo que apresentassem alterações morfofonêmicas, a exemplo dos seguintes dados:

(5) Aí, os cara **pararo** o ônibus, todo mundo armado [...]

(6) E agora **construïro** esse outo posto novo aí.

Consideraram-se dados referentes aos dois grandes polos da realidade sociolinguística brasileira (as normas *culta* e *popular*), de modo a tornar possível averiguar como se configura, no português feirense, a realidade bipolarizada do PB. A análise da variação da concordância com a 3ª pessoa do plural (P6) foi feita muito em razão de que há uma grande quantidade de estudos realizados com essa pessoa gramatical (com amostras constituídas em todas as regiões do Brasil), algo que possibilita a comparação dos resultados.

Em consonância com a hipótese reitora deste estudo – a de que a sócio-história do PB (marcada por intensos contatos linguísticos e por escolarização e urbanização tardias) levou a uma acentuada erosão de marcas flexionais nos verbos, atingindo, principalmente, os afrodescendentes e os de classes menos favorecidas –, entende-se que a variante com plural explícito é a forma inovadora, no Português Popular, ao passo que, no Português Culto, a conservadora, existindo, assim, na variação no uso da concordância de número, processos de mudanças vindos “de cima” e “de baixo”, a depender da amostra que se considere na realidade linguística bipolarizada brasileira. Ressalta-se que, em ambas as normas do PB, a variante explícita é a variante de prestígio.

A partir desse entendimento sócio-histórico, explica-se por que a variação na concordância verbal tem-se mostrado estável com dados da fala brasileira urbana (Monguilhott 2001 e

Oliveira 2005), dado que é estigmatizada por estar associada a pessoas que, historicamente, estiveram marginalizadas. Freia-se, assim, a implementação da mudança para um sistema sem marcas de plural nos verbos.

2.1. Critérios para a exclusão de dados

Foram descartados alguns dados, como os de verbo *ter* e *vir* no presente do indicativo, dado que a forma plural e a singular são praticamente homófonas, conforme se observa nos exemplos seguintes:

(7) Os mestre de obra que **tem** aqui dento já **vem** com sua equipe pronta.

(8) ... só não pode é correr porque os colega **vem** e bate de novo.

As ocorrências com verbo *ter* usados como impessoais não foram computadas. Inicialmente, pensou-se em contabilizá-los como verbos transitivos diretos. Contudo, ao observar que, semanticamente, estes funcionam como sinônimos de existir/haver, sendo mesmo um uso impessoal, preferiu-se descartar esses dados. Os exemplos seguintes ilustram dados não considerados nesta pesquisa:

(9) Tinha uns cais, **tinha** uns homem lá ...

(10) Não, já **tinha** uns menino grande.

Foram descartados também casos de ocorrências de formas verbais em contextos em que a própria tradição gramatical considera facultativo o uso de marcas de plural, a exemplo do que ocorre em casos da chamada *concordância semântica*, *orações com sujeito formado por expressões partitivas + palavra no plural* e em orações com a expressão *um dos + palavra no plural + que*, além de infinitivos flexionados. Dados nesses contextos foram descartados não apenas por serem facultativos na prescrição gramatical, mas também e, principalmente, pelo fato de darem ensejo a outros estudos, ou seja, podem ser considerados outros fenômenos. Ressalta-se que *verbos pospostos com sujeito do tipo composto* (embora facultem a não flexão) foram considerados, por permitir a investigação sobre a importância do tipo de sujeito no uso da flexão verbal. Os exemplos a seguir ilustram os contextos em que foram descartados dados de P6:

(11) [...] O pessoal **são** ótimo também.

(12) A maioria das comida, como vatapá, caruru, feijoada, maniçoba esse negócio, só **presta** mais de um dia pô outo.

(13) A maneira dos pais **criar** hoje tá...

(14) **Pediram** noventa dias pa passar o cartão de novo...

(15) Não, o menino da mobilete que **mataram** com um tiro de piostola...

2.2. A amostra investigada e as variáveis independentes

Os dados foram levantados em entrevistas pertencentes ao acervo do projeto *A língua Portuguesa do Semiárido Baiano - Fase 3* (sediado na UEFS), que nessa etapa se voltou

exclusivamente para a realidade linguística do município de Feira de Santana (zona urbana)¹², ao contrário das etapas anteriores em que se investigou a fala rural de diferentes regiões do semiárido baiano, inclusive do município de Feira de Santana. Foram consideradas as seguintes características socioculturais dos informantes:

Sexo	Masculino	
	Feminino	
Faixa etária	Faixa I (25 a 35 anos)	
	Faixa II (45 anos a 55 anos)	
	Faixa III (acima de 65 anos)	
Caracterização das subamostras	Norma Popular	Norma culta
	Feirenses filhos de feirenses	Feirenses filhos de feirenses
	Feirenses filhos de migrantes	
	Feirenses da zona rural	

Quadro 4. Critérios considerados na escolha dos informantes

Foram investigadas 48 entrevistas, assim distribuídas: (i) 36 com informantes analfabetos ou pouco escolarizados¹³, sendo 12 informantes da zona rural e 24 da sede do município (sendo estes últimos 12 filhos de feirenses e 12 filhos de migrantes) e (ii) 12 informantes com ensino superior completo com ou sem pós-graduação, nascidos na sede do município, assim como os seus pais.

Vale destacar que a amostra foi constituída considerando-se a sócio-história da comunidade. Assim, foi controlada uma variável que não é comum em estudos sociolinguísticos, qual seja a relação do informante com a migração, já que esse processo foi muito presente no município (Oliveira 2000, 2011). A propósito, como já destacaram Araujo e Almeida (2014), a sócio-história do município serve exemplarmente para ilustrar os fatos vivenciados na sócio-história do PB, a exemplo dos relativamente acelerados processos de urbanização e de escolarização, em detrimento de uma cultura predominantemente rural. Os dados foram codificados, levando-se em consideração as variáveis socioculturais elencadas no quadro abaixo:

Socioculturais	Linguísticas
Faixa etária	Realização e posição do sujeito
	Concordância nominal no sujeito
Escolaridade	Indicação de plural no SN sujeito

¹² Para maiores informações sobre o projeto, consultar Araujo e Almeida (2014).

¹³ A intenção era gravar apenas informantes que tivessem estudado por até quatro anos, porém, em vista da dificuldade de se encontrar informantes com essa característica (principalmente na faixa 1), foram gravadas entrevistas com informantes que estiveram na escola por mais tempo, sendo que alguns estavam concluindo o Ensino Fundamental, mas no sistema de “Aceleração”, em que se estudam duas séries em um ano. Nesse sentido, considerando a pouca qualidade do ensino que frequentaram e, principalmente, que as suas atividades profissionais não lhes proporcionam maior contato com o letramento, julga-se que a característica popular da sua norma linguística ficou preservada.

Diazonalidade	Caracterização semântica do sujeito
	Tipo de verbo
Relação com a migração	Saliência fônica
	Efeito gatilho
Sexo	Forma do último constituinte SN sujeito que está antes do verbo

Quadro 5. Variáveis independentes consideradas na análise da CV com P6

Além disso, na interpretação dos resultados empíricos, busca-se inter-relacioná-los a dados sobre a sócio-história da comunidade de fala pesquisada, ou seja, intenta-se, por exemplo, averiguar se houve consequências linguísticas em face da grande leva de migrantes oriundos de diversas regiões interioranas do Brasil que se radicaram em Feira de Santana, bem como do praticamente recente desenvolvimento urbano ocorrido no município. Como a variação morfossintática investigada é de natureza sociocultural, torna-se possível analisar em que nível se encontra o entrecruzar-se de normas na área estudada, que se caracteriza, inclusive, por ser um centro de confluência de culturas, devido a sua condição de maior entroncamento rodoviário do Norte-Nordeste do Brasil.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo sido utilizada a ferramenta estatística do GoldVarb (2005) ou GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith 2005), obtiveram-se os seguintes resultados gerais:

	Norma culta		Norma popular	
	Nº de ocor./Total	Frequência	Nº de ocor./Total	Frequência
Variante padrão	619/659	93.9%	321/1310	24.5%
Variante não padrão	40/659	6.1%	989/1310	75.5%

Tabela 1. Distribuição geral dos resultados nas subamostras pesquisadas

Dado o exposto, algumas questões já podem ser destacadas neste primeiro momento da análise. Primeiramente, destaca-se a existência de uma realidade sociolinguística bipolarizada em Feira de Santana, que reflete o panorama geral da polarização sociolinguística do Brasil (Lucchesi 2001, 2002, 2006). Outro fato digno de notar é a conformidade dos resultados com os obtidos por outros pesquisadores que também investigaram a fala de informantes cultos, pois a frequência de 94% de aplicação da regra padrão é, por exemplo, idêntica à obtida por Graciosa (1991), a partir de dados do NURC-RJ (amostra de 1970), bem como é semelhante aos resultados encontrados na fala popular portuguesa, conforme atestam os estudos comentados na seção 2 deste texto.

Detendo-se especificamente nos resultados concernentes à norma popular, é possível estabelecer também um paralelo com os resultados encontrados por outros pesquisadores que

investigaram essa variedade do PB, isto é, que tomaram como amostra entrevistas gravadas com informantes analfabetos ou semialfabetizados de diferentes regiões urbanas brasileiras (Naro 1981; Guy 1981; Anjos 1999, entre outros).¹⁴

Assim, em vista da realidade bipolarizada no uso da regra de CV no PB, é necessário ter cautela quando se trabalha com dados provenientes de uma amostra com diferentes perfis. Por essa razão, neste estudo, julgou-se necessário analisar os resultados estatísticos e qualitativos considerando-se a realidade não só heterogênea, mas também polarizada da fala feirense. Desse modo, os resultados são discutidos em duas grandes divisões, que abrigam, respectivamente, a feição do polo culto e a do popular, este último abrangendo três subtipos, de acordo com os critérios sócio-históricos que foram controlados na investigação, apresentado no Quadro 4.

3.1. A norma culta feirense

Os índices relativos ao uso da concordância verbal na fala culta de Feira de Santana revelam a existência de uma regra semicategórica, de modo que uma análise sociolinguística ortodoxa fica comprometida. Contudo, a despeito da importância da quantificação nas pesquisas sociolinguísticas, julga-se necessário associá-las a exames qualitativos, observando-se, por exemplo, o tipo de dado de que se dispõe para investigação, algo que é feito neste trabalho.

Assim, analisaram-se minuciosamente os dados levantados na fala culta de Feira de Santana, a fim de proceder a uma classificação dos contextos variáveis, associando-os aos resultados estatísticos. Nesse sentido, os casos de não concordância padrão que se tem no *corpus* da fala culta enquadraram-se nas seguintes configurações: (i) contextos apontados pela literatura como desfavorecedores da aplicação da regra padrão de marcação de plural: posição do sujeito (10 dados), separação entre o sujeito e o verbo por um ou mais constituintes (5 dados), sujeito composto (2 dados), estruturas com o verbo SER anteposto ao SN Predicador (2 dados) e sujeito retomado por pronome relativo (2 dados); (ii) contextos que, de certa maneira, são apontados pela literatura como favorecedores da não marcação de plural: intercalação entre o sujeito e o verbo por uma relativa, além de casos com sujeito anteposto ao verbo com SPrep (6 casos); (iii) contextos apontados pela literatura como favorecedores da concordância padrão: sujeito imediatamente anteposto ao verbo (seis casos) e sujeito referencial não realizado (7 dados).

Foram selecionadas como relevantes à aplicação da regra padrão as variáveis indicadas no Quadro abaixo, na sua ordem de seleção:

Grupos de fatores
Sexo do informante
Realização e posição do sujeito
Faixa etária do informante
Indicação de plural no SN sujeito
Input: 0.983 Log likelihood: -110.008 Significance: 0.034

Quadro 6. Variáveis selecionadas como favorecedores da aplicação da regra de CV padrão na fala culta de Feira de Santana-Ba

¹⁴ Devem-se guardar as devidas proporções, já que, de acordo com o que será evidenciado posteriormente, os resultados concernentes à norma popular do *corpus* desta tese revelaram particularidades associadas aos subtipos da norma popular considerada. Em suma, os percentuais apresentados, na Tabela 1, são gerais para a norma popular feirense, ao passo que, posteriormente, os resultados serão apresentados, considerando as subamostras.

As variáveis eliminadas foram, nesta ordem, *Forma do último constituinte do SN Sujeito que está antes do verbo*, *Saliência fônica*, *Caracterização semântica do sujeito* e *Tipo de verbo*.¹⁵ A seguir, são comentados os resultados obtidos para as variáveis selecionadas. Ressalva-se que, por limitações de espaço, e também em consideração aos objetivos deste estudo, a última variável selecionada não será comentada.

3.1.1. Sexo do informante

As duas variáveis de natureza sociocultural controladas na análise da fala culta revelaram-se favorecedoras à aplicação da regra padrão (o sexo e a idade do informante). Esse fato coaduna com a hipótese reitora deste estudo de que a variação em questão é um fenômeno morfossintático muito motivado por questões extralinguísticas e, precisamente, por fatos da história sociolinguística do PB. Nesse sentido, como já foi mencionado anteriormente, a interpretação dos resultados dessas duas variáveis foi feita considerando-se as particularidades sócio-históricas da comunidade de fala analisada, evitando-se, pois, as generalizações acerca da influência do sexo e da idade dos informantes. Na Tabela seguinte, estão os resultados encontrados para a variável *sexo*:

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Masculino	290/326	89%	.25
Feminino	329/333	98.8%	.75

Tabela 2. Atuação da variável *Sexo* na realização da regra padrão de CV com P6 na fala culta na Feira de Santana-Ba

Chamam atenção os significativos valores dos pesos relativos, quer seja atuando positivamente, quer negativamente na aplicação da regra padrão, revelando que os homens inibem o uso da regra padrão, ao passo que as mulheres o favorecem. Interpretar esses resultados impõe uma junção de aspectos a ser considerados, a exemplo da (i) identidade social dos gêneros masculino e feminino em comunidades urbanas, (ii) a natureza culta dos informantes e (iii) o tipo de fenômeno variável que está sendo investigado.

Nesse sentido, começando pela questão da natureza do fenômeno, ressalta-se que a não realização da flexão de número no PB é algo bastante marcado socialmente, sobretudo em comunidades urbanizadas, com usuários que têm consciência do estigma social associado a esse uso linguístico. A razão desse estigma vincula-se diretamente ao preconceito associado a pessoas que mais fazem uso dessa variante, que são, em linhas gerais, não escolarizadas e/ou moradoras de regiões onde o acesso à escola ou a outras instâncias de letramento é difícil. Por sua vez, pode-se ainda conjecturar que a raiz desse preconceito também se conecta ao fato de a erosão da morfologia verbal atrelar-se à fala da população escravizada na fase em que se formava o PB.

Quanto à natureza culta dos informantes, destaca-se que os resultados expostos acima concernem à fala de pessoas com ensino superior, nascidas e residentes numa cidade com um forte passado rural – e que tiveram, inevitavelmente, contato com os padrões comportamentais e linguísticos de pessoas que vieram de cidades menores ou da zona rural da circunvizinhança –,

¹⁵ Os grupos *Concordância nominal do sujeito* e *Efeito de gatilho* tiveram que ser desconsiderados devido à existência de *knockouts*. Esses *knockouts* serão adiante comentados.

e, assim, torna-se evidente que, na sua condição de cultas, demarquem a sua identidade também por meio de um falar que as distancie da fala popular.

Contudo, sobressai a pergunta “Por que as mulheres cultas revelam-se mais sensíveis ao uso da variante padrão nos dados analisados?”. Num estudo sociolinguístico *stricto sensu* ou “ortodoxo”, na terminologia utilizada por Lucchesi (2012), seria facilmente interpretável o favorecimento do gênero feminino no uso da regra padrão, já que se trata de um caso de variação estável (Labov, 2001)¹⁶. Mas, em consonância com a fundamentação teórico-metodológica deste estudo, que se norteia pela necessidade da abordagem sócio-histórica do fenômeno linguístico, prefere-se interpretar esse resultado associando-o à luta feminina (no sentido de vanguarda), principalmente as das faixas III e II, para firmarem-se profissionalmente. Assim, é natural a interpretação de que essas mulheres delimitem linguisticamente a sua condição de cultas/letradas, adotando formas linguísticas conservadoras e prestigiadas no grupo de que fazem parte. Salienta-se que essa questão será retomada em 3.1.3.

3.1.2. Realização e posição do sujeito

Em alguns estudos, controlam-se as variáveis “Realização do sujeito” e “Tipo de sujeito” separadamente da variável “posição do sujeito em relação ao verbo”, ou ainda, da variável “distância entre o sujeito e a forma verbal”. Nesta pesquisa, entretanto, optou-se por amalgamar essas variáveis. Os resultados encontrados comprovam a validade desse amalgamento, pois os resultados mostraram-se interessantes e a variável foi selecionada, ao contrário de outros estudos em que não se chegou a um consenso acerca das variáveis mencionadas, principalmente as que se referem ao *tipo do sujeito* e a sua *distância do verbo*.

Na Tabela seguinte, são apresentados os resultados estatísticos, com pesos relativos, obtidos para essa variável. Ressalva-se que os fatores *Sujeito posposto separado por um ou mais constituintes* e *Sujeito imediatamente posposto* foram amalgamados. Da mesma forma, julgou-se procedente amalgamar os fatores *Sujeito anteposto ao verbo por uma relativa* e *Sujeito anteposto com Sprep*.

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Suj. retomado por pronome relativo	88/90	87.8%	.63
Suj. imediatamente anteposto	291/299	97.3%	.62
Suj. posposto ao verbo <i>ser</i> sem constituintes anteriores	33/35	94.3%	.44
Suj. não realizado	107/114	93.9%	.42
Suj. anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes	47/52	90.4%	.34
Suj. anteposto ao verbo com uma relativa ou <i>Sprep</i>	33/39	84.6%	.23
Suj. posposto imediatamente ou não	20/30	66.7%	.10
Total	619/659	93.9%	

Tabela 3. Atuação da variável *Realização e Posição do sujeito* no uso da regra padrão de CV com P6 na fala culta de Feira de Santana-Ba

¹⁶ Guy (1981, 1989), Oliveira (2005), entre outros, revelaram essa projeção histórica da variação.

Verifica-se que a retomada do sujeito por relativo e anteposição imediata do sujeito são os fatores que mais favorecem a CV padrão na fala culta. Os resultados também demonstram que o que mais desfavorece a aplicação da regra padrão da CV é a posição pós-verbal do sujeito (P.R. de .10), o que ratifica um condicionamento já destacado por vários autores, como Pontes (1986), Berlink (1999) e Coelho e Monguilhott (2007), que chamam a atenção para “o caráter menos subjetivo” do argumento que se posiciona à direita do verbo. Isso sugere que se trata de um contexto desmotivador “universal” para a aplicação da concordância, ou seja, que, independentemente da amostra analisada, a posposição do sujeito desfavorece a aplicação da regra padrão. Os outros contextos que desfavorecem o uso marcado da CV são a intercalação entre o sujeito anteposto e o verbo por relativa ou SPrep (P.R. de .23) e da intercalação entre o sujeito e o verbo por elementos intervenientes com mais de duas sílabas (.34). Quanto aos fatores *Sujeito não realizado* e *Sujeito posposto ao verbo ser*, os valores não se mostraram tão proeminentes, pois se encontram mais próximos ao valor neutro, tendo, respectivamente, peso relativo de .42 e .44, mas ambos desmotivando a CV padrão. Esses fatos associados à seleção dos fatores *Sujeito imediatamente anteposto* e *Sujeito retomado por pronome relativo* confirmam a hipótese de que a proximidade entre o sujeito anteposto e o verbo da oração atua positivamente na marcação do plural explícito na fala culta, fazendo com que o falante se aperceba da “necessidade” da concordância entre esses termos.

3.1.3. Faixa etária do informante

O controle da variável *faixa etária* é importantíssimo nas pesquisas sociolinguísticas, pois os resultados obtidos permitem que sejam feitas projeções sobre os rumos da variação, predizendo se se trata de variação estável ou de mudança em progresso.

Quanto aos resultados obtidos neste estudo, acredita-se que, embora não permitam fazer projeções históricas acerca da variação, no sentido de ser cogitada, por exemplo, uma mudança em progresso, é notável que os mesmos fornecem elementos para se discutir a história sociolinguística do PB, tendo-se, por exemplo, uma visão mais delineada dos casos de intercruzamentos de normas ou dos contatos interdialetais verificados ao longo da sócio-história brasileira (Lucchesi 2001). A seguir, são expostos os resultados relativos ao controle da faixa etária do informante:

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	178/191	93.2%	.40
Faixa II (45 a 55 anos)	276/302	91.4%	.31
Faixa III (Acima de 65 anos)	165/166	99.4%	.88

Tabela 4. Atuação da variável *Faixa etária* na realização da regra padrão de CV com P6 na fala culta de Feira de Santana-Ba

Constata-se que os menores índices de aplicação da concordância padrão se concentram apenas nas faixas etárias mais baixas, conforme pode ser observado no gráfico seguinte:

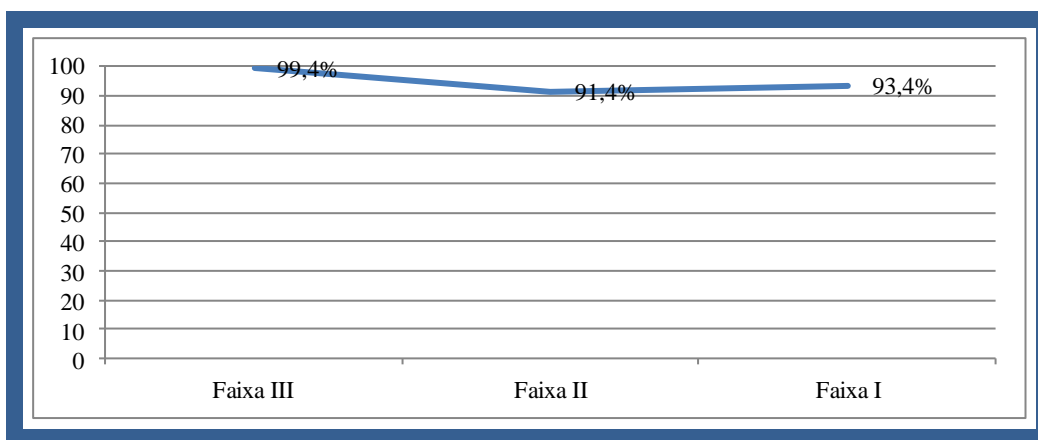


Gráfico 2. Distribuição pelas faixas etária do uso da CV padrão na fala culta de Feira de Santana-Ba

Assim, há o favorecimento da aplicação da regra padrão apenas na faixa mais elevada, com um índice bem significativo (.88). A princípio, guiando-se pelas frequências e pesos relativos apresentados na Tabela 4, com apenas os informantes mais idosos propensos a usar mais a variante padrão, os resultados poderiam levar a uma interpretação em que se destacaria uma tendência na comunidade para uma gramática sem marcas de plural na CV com sujeitos de P6. Contudo, acredita-se que não se deva chegar a essa conclusão, principalmente guiando-se apenas pela distribuição etária mostrada acima. Julga-se mais pertinente, considerar outros fatores de naturezas sociais que atuam no comportamento desse processo variável.

Nesse sentido, considerando a natureza da subamostra que se está analisando, o que se observa é um uso inovador e não padrão entre os informantes jovens e adultos (de modo paradoxal, os mais pressionados socialmente para ingressar ou firmar-se no mercado de trabalho), e um uso conservador e padrão por parte dos idosos. Essa realidade difere dos resultados de outros estudos realizados com dados de amostra urbana com informantes com diferentes níveis de escolarização (Scherre e Naro 1993, entre outros), em que os informantes da faixa mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva usam mais as formas prestigiadas. Entende-se que a disparidade de resultados se relaciona à subamostra aqui analisada, constituída apenas por informantes com nível superior.

Assim, coadunando com Paiva e Duarte (2003) e Lucchesi (2012), para quem as diferenças de efeito associadas a faixas etárias não devam ser tomadas como indicadores absolutos e conclusivos – isto é, independentemente das características estruturais e sociais intrínsecas do fenômeno sob análise –, preferiu-se, neste estudo, não postular que há, na fala culta, uma mudança em progresso, isto é, a implementação da variante não padrão de plural nas formas verbais com P6, mas sim (e apenas) um “afrouxamento” dos rígidos padrões da CV na fala de pessoas cultas. Julga-se, assim, necessário explicitar essa interpretação, e, para tanto, é fundamental considerar dados sobre os processos de escolarização e sobre os movimentos populacionais no Brasil, ambos numa perspectiva sócio-histórica.

Assim, tomando a hipótese clássica como referência, e considerando a média de idade das faixas etárias I, II e III (respectivamente, 28,5, 50,5 e 67,7 anos), conclui-se que os informantes internalizaram as regras de sua gramática, aproximadamente, nos anos de 1997, 1975 e 1958.¹⁷

¹⁷ As entrevistas foram gravadas a partir do ano de 2008 a até o primeiro semestre de 2011, com exceção de dois homens cultos da faixa III, cujas entrevistas foram realizadas em março de 2012.

Depreende-se, pois, que apenas os informantes da faixa III formaram o seu vernáculo antes da intensificação do processo de urbanização em Feira de Santana, bem como dos processos de democratização de acesso ao ensino e de popularização dos meios de comunicação de massa. Sobre essa questão, chama-se atenção para os temas sobre a urbanização e escolarização; notadamente destacam-se as questões sobre a demografia histórica feirense, a exemplo do fato de, em 1950, o município ter apenas 32% de sua população residente no perímetro urbano e, nas décadas seguintes, esses percentuais terem se invertido, graças à migração de uma grande leva de pessoas vindas do campo e de cidades menores (Freitas 1998: 125).

Desse modo, vislumbra-se, na fala culta do município, uma realidade próxima ao que ocorre nos processos de mudança “de baixo para cima”, já que se observa o contexto de menor resistência nas faixas etárias mais jovens (para o uso da variante zero), essas formadas com informantes que, *a priori*, tiveram maior facilidade ao ingresso no ensino superior, dada a superação do caráter elitista, que fora acentuado em décadas pretéritas no Brasil. A propósito disso, vale destacar o depoimento de alguns informantes homens das faixas etárias I e II que verbalizaram que foram os primeiros membros da sua família a concluir um curso de nível superior. Do mesmo modo, salienta-se a dificuldade que os pesquisadores do Projeto encontraram, para localizar informantes da faixa III, com o perfil de serem cultos e feirenses filhos de feirenses, principalmente no caso do sexo masculino. Acerca dessas constatações, salientam-se duas questões: primeiramente que, as mulheres, tradicionalmente, em Feira de Santana e em outras cidades onde a abertura de faculdades e universidades foi tardia, concluíram cursos da área de licenciatura, já que só foram oferecidos cursos nessa área (talvez, pelo fato de serem “operacionalmente mais baratos” e também devido à necessidade de se formar futuros alfabetizadores no período pós-republicano). Outra questão que se salienta é a predominância de pessoas do sexo feminino com formação superior no Brasil, segundo pesquisas divulgadas pelo IBGE (2010).

Em vista do exposto, cabe melhor esclarecer por que, então, não se julgou oportuno considerar o comportamento “inovador” dos informantes da faixa etária jovem e mediana como um indicativo de uma mudança em progresso. Para tanto, é fundamental retomar o conceito de avaliação social, uma das questões que o sociolinguista tem que considerar na execução de suas pesquisas. No caso do fenômeno variável analisado neste estudo, é por demais consabido que o uso da variante não padrão (principalmente nos contextos estruturais mais salientes) é envolto de estigma social nas variedades urbanas, de modo que esse fato torna a implementação de uma gramática sem flexão de número, no PB, algo improvável. Tal fato também explica por que razão a variante zero de plural nas formas verbais é encontrada de forma tão pontual na fala culta feirense.

Dado o exposto, julga-se necessário voltar à discussão acerca da influência de gênero no uso da CV na fala culta. Procura-se, assim, aprofundar o que já fora exposto em 3.1.1. Para tanto, faz-se uma análise integrada das duas variáveis sociais, por meio do cruzamento das variáveis *Sexo* e *Faixa etária*, a fim de se buscar pistas para melhor entender a dinâmica do uso culto da CV com P6 em Feira de Santana. Os resultados obtidos estão expostos na Tabela a seguir:

Sexo	Faixa etária	Ocorrências/Total	Percentual
Masculino	Faixa I	86/97	89%
	Faixa II	132/156	85%
	Faixa III	72/73	99%
Feminino	Faixa I	92/94	98%
	Faixa II	144/146	99%
	Faixa III	93/93	100%
Total		619/659	94%

Tabela 5. Frequência de CV padrão com P6 na fala culta segundo o cruzamento das variáveis *Sexo* e *Faixa etária*

Embora a frequência de uso seja muito elevada em todas as células, nota-se um decréscimo nos índices percentuais apenas na distribuição dos dados dos homens das faixas I e II. O gráfico seguinte possibilita uma melhor visualização dos resultados:

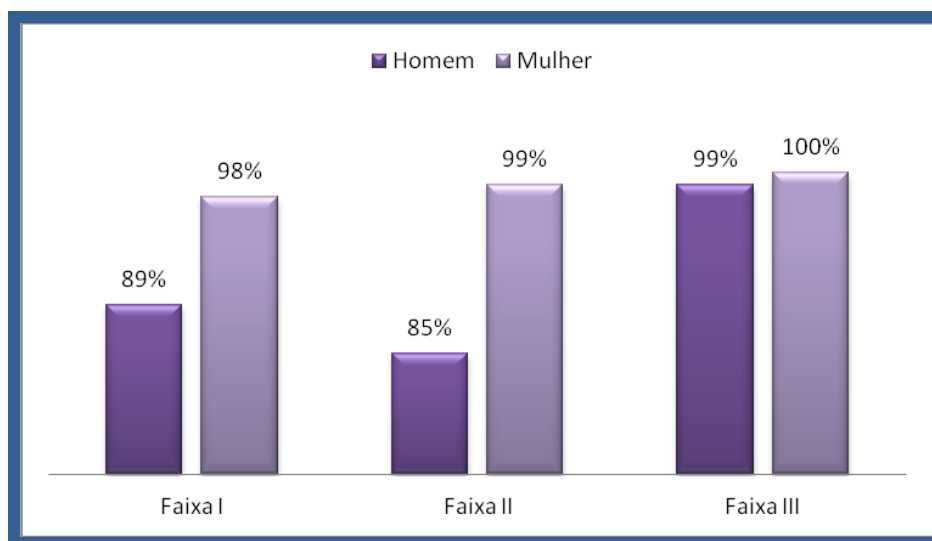


Gráfico 3. Atuação das variáveis *sexo* e *faixa etária* uso da CV padrão na fala culta feirense

A inferência que pode ser feita é a de que as alterações sociais ocorridas no Brasil, correlacionadas a uma possível mudança na representação social “de pessoa culta” afetaram, na comunidade de fala analisada, de forma mais atuante, o gênero masculino, já que as mulheres estiveram na vanguarda na busca por formação superior e, desse modo, é entre os informantes do sexo masculino que há maior uso da variante não padrão na fala culta. Em outras palavras, constata-se que é a inserção dos homens na classe dos cultos que faz a frequência geral de uso da CV padrão, nas faixas etárias I e II, diminuir.

Nesse sentido, embora não tenha sido controlada a variável ocupação do informante, cabe salientar que a mudança no “paradigma” de ser culto no Brasil pode ter gerado reflexos linguísticos. Assim, por exemplo, foi observado que, na amostra culta sob análise, dois informantes do sexo masculino exercem, paralelamente, profissões que, de um modo geral, não são associadas a pessoas com nível alto de escolarização, a saber, policial militar (faixa I) e comerciante (faixa II), mas que os ajudam a complementar a renda familiar. As mulheres, contudo, exercem atividades prototípicas de pessoas com escolarização máxima.

3.2. A norma popular feirense

Conforme exposto anteriormente, os resultados gerais são os seguintes:

	Nº de aplic/total	Percentual
Concordância padrão	321/1310	24.5%
Concordância não padrão	989/1310	75.5%

Tabela 6. Distribuição geral dos dados da CV com P6 na fala popular feirense

Verificou-se, pois, um alto índice percentual da variante zero na fala popular. Ressalta-se que esse amplo uso da variante não padrão ocorre mesmo em contextos em que a presença do morfema de plural teria seu uso favorecido, a exemplo do que se tem em casos de acentuada diferença fônica entre a forma singular e plural, de orações com sujeito imediatamente anteposto à forma verbal, de sujeito não realizado etc., algo que indica que a ausência de flexão de número nas formas verbais caracteriza, de fato, o vernáculo popular feirense.

Ressalta-se também que as frequências gerais apontadas na Tabela acima ocultam algumas nuances detectadas nos resultados concernentes aos subtipos da norma popular considerada nesta pesquisa, como, por exemplo, aqueles que se referem ao fato de os dados decorrerem da fala de feirenses da zona rural ou da zona urbana, ou ainda, nesse último caso, do fato de serem informantes filhos de feirenses ou de migrantes. Nesse sentido, na Tabela 7, essas informações são esclarecidas, em que se vislumbra, inclusive, a difusão da variante padrão: de um percentual menor, na zona rural, para um maior, na fala dos informantes feirenses filhos de feirenses (nascidos e residentes na zona urbana), embora seja pequeno o nível de gradação constatado na referida difusão:

Subamostra da norma popular feirense	Concordância padrão		Concordância não padrão	
	Ocor./Total	Percentual	Ocor./Total	Percentual
Norma popular rural (feirenses filhos de feirenses)	97/449	21.6%	352/449	78.4%
Norma popular urbana (feirenses filhos de migrantes)	105/435	24.1%	330/435	75.9%
Norma popular urbana (feirenses filhos de feirenses)	119/426	27.9%	307/426	72.1%
Total	321/1310	24,5%	989/1310	75.5%

Tabela 7. Distribuição geral dos resultados das variantes referentes à concordância verbal com P6 pelos subtipos da norma popular feirense

A bipolaridade de normas constatada com esta pesquisa – em que se detectou 93.9% de uso da variante padrão, na norma culta, contra 24,5%, na norma popular –, comprova que o que realmente influi uso dessa variante não padrão da CV é a origem popular do informante, a qual se relaciona a um aspecto maior da história brasileira, a saber, a escravização e a opressão de pessoas ligadas, principalmente, a ancestralidade africana, a despeito de uma elite sociocultural minoritária.

Nesse sentido, a despeito das transformações relacionadas à urbanização e à industrialização ocorridas na sociedade brasileira, a partir da segunda metade do século XX, a realidade sociolinguística brasileira mantém-se bipolarizada (com os polos culto e popular), não se verificando, pois, diferenças quantitativas acentuadas (e, nem mesmo qualitativas), ao se tomar como *corpus* amostras diversas da norma popular (quer seja no caso das subamostras investigadas neste estudo, quer seja no que diz respeito a outros trabalhos realizados no âmbito do Brasil). Ao menos, no que concerne ao fenômeno da variação da concordância verbal de número.

Ressalvadas essas questões, passa-se, a seguir, a expor os resultados dos fatores que se mostraram estatisticamente relevantes na determinação do fenômeno em foco. O quadro seguinte traz as variáveis selecionadas, em ordem decrescente de seleção, pelo programa de processamento quantitativo GoldVarb X:

Variáveis		
Saliência fônica		
Concordância nominal no SN sujeito		
Realização e posição do sujeito		
Efeito de gatilho		
Faixa etária do informante		
Sexo do informante		
Tipo de verbo		
Forma do último SN sujeito que está antes do verbo		
Input: 0.108	Log likelihood: -565.790	Significance: 0.018

Quadro 7. Grupos selecionados como favorecedores da aplicação da regra de CV padrão na fala popular de Feira de Santana-Ba¹⁸

Ressalva-se que apenas se discorrerá sobre as variáveis *Saliência fônica*, *Concordância nominal no SN sujeito*, *Realização e posição do sujeito*, *Faixa etária* e *Sexo do informante*, atendendo, assim, ao limite de espaço e também ao escopo deste estudo. As variáveis *Indicação de plural no SN sujeito*, *relação do informante com a migração* e *caracterização semântica do sujeito* não foram selecionadas.

3.2.1. Saliência fônica

A primeira variável selecionada na amostra da fala popular apresentou os seguintes resultados:

¹⁸ Como os informantes da zona rural, eram todos feirenses filhos de feirenses, realizou-se o procedimento metodológico de amalgamar as variáveis diazonalidade e relação do informante com a migração e não controlar a primeira dessas. No final deste capítulo, será mostrado o resultado de uma rodada em que a variável diazonalidade foi considerada e ocorre que os resultados se mantêm idênticos, diferindo apenas na seleção da variável diazonalidade; contudo, o nível de significância fica com um valor mais alto (.042).

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
1a	9/130	6.9%	.16
2a	80/198	40.4%	.32
3a	64/498	12.9%	.35
4a	52/161	32.3%	.69
5a	105/257	40.9%	.77
6a	11/66	16.7%	.73
Total	321/1310	24.5%	---

Tabela 8. Atuação da variável *Saliência fônica* no uso da CV padrão com P6 na fala popular feirense

Verifica-se que os fatores pertencentes ao nível 2, oposição acentuada, tendem a favorecer a marcação da regra padrão da concordância verbal de número. Os resultados encontrados corroboraram, portanto, os alcançados em outros estudos em que a variável foi analisada (Lemle e Naro 1977; Rodrigues 1987; Scherre e Naro 1997; Monguilhott 2001 e 2009; Silva 2003; Pereira 2004; Oliveira 2005, entre outros), com a oposição acentuada favorecendo a presença de marcas explícitas de plural nos verbos, inversamente à posição não acentuada, que desfavorece a concordância verbal padrão.

Correlacionando esses resultados com a discussão sobre a formação do PB ou, precisamente, sobre a caracterização da realidade sociolinguística brasileira, é inevitável trazer à tona as colocações feitas por Guy (1989, 1981), que, contestando a tese de Naro (1981) de que estaria havendo no PB um processo de mudança rumo a um sistema sem marcas de plural, argumentou que, estaria havendo, ao contrário, um processo de aquisição de morfologia flexional, a partir dos contextos mais salientes para os menos salientes, algo típico nos processos de descrioulização. Nesse sentido, a julgar pelos resultados expostos na Tabela 8, e, também, pela não seleção dessa variável nos dados na norma culta investigados neste trabalho, julga-se pertinente considerar como válida a contra-argumentação feita por Guy (op. cit). Observa-se, pois, que as variedades linguísticas mais diretamente afetadas pelo contato entre línguas na sócio-história brasileira, bem como pelo processo de exclusão social a que estiveram submetidos os seus usuários, são as que mais evidenciam uma atuação proeminente da variável *saliência fônica*.

Assim, é notável a atuação da variável *Saliência fônica* na aplicação da regra padrão da CV no português brasileiro popular, contrastando com o que se verifica no PE e na norma culta brasileira. Nesse sentido, esse comportamento diferenciado é facilmente explicável se for considerada a história sociolinguística brasileira, em que, na norma popular, houve uma erosão da morfologia flexional no passado em função do contato entre línguas, e essa perda da morfologia flexional da língua portuguesa está sendo recuperada, por influxos de padrões linguísticos “mais elitizados”, sendo os contextos mais salientes os mais fáceis de serem adquiridos e também os mais evitados pelos falantes adquirentes da variedade padrão.

Por fim, cabe discutir o aumento do peso relativo no fator **2b** (o segundo da oposição acentuada), sendo superior ao do nível **2c**, ocorrendo, pois, uma sutil inversão na escala de *saliência*. Inicialmente, atribuiu-se esse resultado a uma possível influência do fator posposição do verbo ‘ser’, em construções apresentacionais ou clivadas, como em: (116) “só *foi vinte reais*”, (117) “e, depois, *foi chegado moradores e mais moradores*”, (118) “acho que *foi três*

dente da frente”. Contudo, em uma análise qualitativa dos dados, observou-se que, no *corpus*, só havia uma única ocorrência de aplicação da regra padrão, com o verbo ‘ser’ com sujeito posposto, no dado “**Foram três**, não foi?”. Após a análise minuciosa do *corpus*, acredita-se que a referida inversão da escala de saliência fônica tenha se dado devido ao tipo de amostra de que se dispôs, isto é, *entrevista com diálogo entre informante e documentador*, que, decisivamente, leva a uma predominância do uso do tempo verbal pretérito perfeito, cujas ocorrências se enquadram no fator 2b, levando a uma maior frequência de uso. Os exemplos seguintes ilustram os dados investigados com essa característica:

- (16) “os cara que **brigou**, **botou** na delegacia de lá mermo.”
 (17) “os dois cara **atravessou** de frente assim, atravessou no meu sentido.”
 (18) “eles **passou** direto.”
 (19) “Desceu aquele rolo de tábua e **caiu** os dois junto.”

Como não foi controlada a variável *tempo verbal*, não foi possível testar essa hipótese em termos quantitativos. A propósito, destaca-se que, em 4.2.3, apresentam-se os resultados encontrados com o cruzamento das variáveis *Realização e Posição do sujeito* e *Saliência Fônica*.

3.2.2. Concordância nominal no SN sujeito

Os resultados confirmam a hipótese aventada para esta variável: sintagma nominal sujeito com concordância padrão, isto é, com marca de plural no núcleo do SN e nos elementos a ele adjuntos favorece a marcação de plural nas formas verbais, enquanto SN sujeito sem concordância padrão a desfavorece. Os resultados estão expostos na Tabela seguinte:

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
SN sujeito sem concordância padrão	47/383	12.3%	.39
SN sujeito com concordância padrão	62/175	35.4%	.73
Total	105/558	19.5	---

Tabela 9. Atuação da variável *Concordância nominal* no uso da CV padrão com P6 na fala popular feirense

Conforme se vê, a frequência de marcação de concordância verbal apresenta um aumento quando o SN sujeito exibe a concordância nominal padrão, pois o percentual geral de concordância verbal para esta variável, que é de 19.5, eleva-se para 35.4% no caso de SN com concordância padrão, ficando, inclusive, com um percentual bem superior ao índice de aplicação da regra de concordância do cômputo geral dos dados, que é de 24.5%. Os exemplos seguintes evidenciam algumas das ocorrências encontradas no *corpus* e a forma como foram codificadas:

- (20) “Tem uns aluno que não *gosta* do professor de português [...]” (SN sujeito com concordância não padrão)
 (21) “[...] as pernas véia vão cansando.” (SN sujeito com concordância não padrão)

(22) “Meus estudos lá foi ótimo.” (SN sujeito com concordância padrão)

(23) Eles *cortaram*, eu falei que ia botá no PROCON [...] (“Não se aplica”)

Em face dos resultados apresentados na Tabela 9, confirma-se a hipótese subjacente a essa variável, postulada com base no *Princípio da Coesão Estrutural* (Lucchesi 2000; Lucchesi e Ribeiro 2009). Ou seja, a aquisição das marcas de concordância verbal, em situações de convivência de variedades linguísticas distintas – como o que se vê na realidade linguística brasileira atual –, coocorre com a aquisição das marcas de concordância entre os elementos que compõem o SN sujeito.

3.2.3. Realização e posição do sujeito

Os resultados na amostra da norma popular no que diz respeito a essa variável, que é uma das mais relevantes para a compreensão da variação na concordância verbal, confirmaram muito do que já se constatou sobre os efeitos desse fator, por um lado, mas, por outro lado, houve resultados inesperados. Os resultados apresentados na Tabela seguinte indicam que o fator *Sujeito imediatamente anteposto ao verbo* é o que mais favorece o uso da CV com P6, com peso relativo de .63, o mais elevado dentre todos os fatores controlados. Nesse sentido, considerando os resultados obtidos com os dados da norma culta, bem como os resultados dos estudos registrados na literatura com dados do português europeu, é possível postular a existência de um contexto favorecedor “universal”. O mesmo pode ser dito, no sentido oposto, em relação ao fator *Sujeito posposto*, que desfavorece o uso da concordância padrão, de modo generalizado, conforme já se expôs neste texto e em muitas análises sobre esse fenômeno. Na análise dessa amostra, esse fator exibiu o peso relativo mais baixo, de apenas .12.

Fatores	Nº de ocor./total	Percentual	Peso relativo
Suj. imediatamente anteposto ao verbo	149/532	28%	.63
Suj. posposto ao verbo ‘ser’ sem constituintes anteriores	30/78	38.5%	.57
Suj. anteposto ao verbo com uma relativa + Suj. anteposto ao verbo com SPrep ¹⁹	8/42	19%	.51
Suj. não realizado	96/350	27.4%	.50
Suj. anteposto com constituintes intervenientes	17/88	19.3%	.45
Suj. retomado por pronome relativo	17/133	12.8%	.30
Suj. imediatamente posposto + Suj. posposto separado por constituintes ²⁰	4/87	5.1%	.12
Total	321/1310	24.5%	---

Tabela 10. Atuação da variável *Realização e posição do sujeito* no uso da CV padrão com P6 na fala popular feirense

¹⁹ Foi feito o amalgamento em vista do baixo número de ocorrências no fator *Sujeito anteposto ao verbo com uma relativa*; encontraram-se apenas dez, sendo nove com concordância não padrão. Quanto ao fator *Sujeito anteposto ao verbo com SPrep*, foram encontradas trinta e duas ocorrências, sete com a variante padrão e vinte e cinco com a não padrão.

²⁰ Foi realizado o amalgamento dos dois fatores, tendo em vista que só foram levantadas oito ocorrências com sujeito posposto separado por um ou mais constituintes, esses com uso categórico da variante zero.

Por outro lado, o usuário da norma popular não faz mais a flexão de número nas formas verbais nos casos de sujeito nulo, embora se esperasse uma elevação do uso da flexão por razões funcionais. O valor neutro do peso relativo de .50 revela ser a variante zero natural ao vernáculo do falante do português popular de Feira de Santana. Os exemplos seguintes ilustram algumas das ocorrências desse fator encontradas no *corpus*:

- (24) “Hoje em dia é uns menino bom. Não me **toma** dinheiro. Quando eu vou lá, eles que me dá, é assim!”
- (25) “DOC: A questão da sua época... você acha que os seus eram mais rígidos?
INF: É, **eram** mais rígidos... a agente trabalhava na roça...”
- (26) “[...] **outros** fazia a máscara, **botava, ia, brincava.**”
- (27) “DOC: E muitos chorava? Como é que era?
INF: Não **chorava** com vergonha [risos]”

Um valor praticamente idêntico (peso relativo de .51) foi encontrado no contexto *Sujeito anteposto ao verbo com uma relativa + Sujeito anteposto ao verbo com um SPrep*, indicando que esse fator também tem um efeito neutro sobre a aplicação da regra de concordância verbal, embora se esperasse que a presença, entre o núcleo do SN e o verbo, de constituintes normalmente extensos, que não participam do processo de concordância, tivesse um efeito inibidor sobre o emprego da regra. Esse efeito desfavorecedor apareceu levemente, com o peso relativo de .45, no caso da presença de constituintes intervenientes entre o sujeito e o verbo; contexto exemplificado abaixo:

- (28) “Parece que **os menino** hoje já **nasce** com a maldade, né?”
- (29) “**Esses dois** não se **batia** não.”
- (30) “**Eles** nunca **xingaram** palavrão nenhum aqui dentro de casa.”

No que diz respeito ao fator *Sujeito posposto ao verbo ‘ser’ sem constituintes anteriores*, causou estranheza o favorecimento na aplicação da regra padrão, pois, nesses casos de estruturas predicativas, o predicador está posposto ao verbo, de modo que era de se esperar o desfavorecimento da regra padrão e não o seu favorecimento, ainda mais com um valor significativo, .57. Nesse sentido, foi buscada uma explicação para esse resultado centrando-se no nível alto da saliência fônica que se constata em algumas ocorrências desse fator, como as que se destacam abaixo:

- (31) “**são** três passagem.”
- (32) “**São** muitos pedidos”
- (33) “porque **são** traficantes, tanto quem mata quanto quem morre”
- (34) “**foi** dois ladrão do Renascer que vei pr’ái”
- (35) “**foi** os religiosos que matou Jesus”
- (36) “**são** dez irmão”
- (37) “**são** comidas que eu não posso mai, vatapá caruru.”
- (38) “**É** câmaras, **é** muitos policiais trabalhando e tudo mais”
- (39) “**Foram** três não foi?”

Nota-se que, nos exemplos acima, há uma alta distinção fônica entre a forma singular e a plural, ao contrário do que ocorre nos exemplos seguintes, que, apesar de serem também com o verbo ‘ser’ com “sujeito” posposto, não são de alta saliência:

(40) “*era meus encanto* essas novela Explode Coração”

(41) “que *era* três moça”

(42) “só *era* essas duas moça”

(43) “*era* as ruas tudo chão.”

(44) “Não. *Era outros cara.*”

Nesse sentido, realizou-se o cruzamento das variáveis Realização e posição do sujeito e Saliência Fônica, cujos resultados são apresentados a seguir:

Realização e posição do suj. Saliência fônica	Suj. retomado por pronome relativo	Suj. não realizado	Suj. imediatamente anteposto ao verbo	Suj. imediatamente posposto + Suj. posposto separado por constituintes	Suj. anteposto com constituintes intervinientes	Suj. anteposto ao verbo com uma relativa + Suj. anteposto ao verbo com SPrep	Suj. posposto ao verbo ‘ser’ sem constituintes anteriores
Nível 1a	1/9 11%	2/36 6%	5/57 9%	0/11 0%	1/16 6%	0/1 0%	0/0 0%
Nível 1b	7/64 11%	18/131 14%	32/211 15%	0/32 0%	0/25 0%	6/18 33%	1/17 6%
Nível 1c	1/4 25%	2/14 14%	7/37 19%	0/1 0%	1/6 17%	0/4 0%	0/0 0%
Nível 2a	2/15 13%	13/44 30%	32/72 44%	1/8 12%	4/17 24%	0/5 0%	0/0 0%
Nível 2b	3/22 14%	44/83 53%	49/97 51%	1/23 4%	7/18 39%	0/3 0%	1/11 9%
Nível 2c	3/19 16%	17/42 40%	24/58 41%	1/11 9%	4/6 67%	2/11 18%	29/51 57%
Total	17/133 13%	96/350 27%	149/532 28%	3/86 3%	17/88 19%	8/42 19%	31/79 39%

Tabela 11. Frequência de CV padrão com P6 na fala popular segundo o cruzamento das variáveis Realização e posição do sujeito e Saliência Fônica

A partir da análise dos resultados elencados na Tabela 11, é visível que, de modo geral, o uso da concordância padrão ocorre com maior frequência na oposição marcada, isto é, nos fatores do nível 2. Por exemplo, em casos, de sujeito imediatamente anterior ao verbo, o percentual geral, de 28%, aumenta, respectivamente, para 44%, 51% e 41%, nos fatores 2a, 2b e 2c, respectivamente. O que chama atenção, contudo, é que o maior percentual de uso da concordância padrão ocorre com o fator *Sujeito posposto ao verbo ‘ser’ sem constituintes anteriores* (39%) e, de modo significativo, com o verbo no contexto com nível máximo de

saliência (o par *é/ são*, por exemplo). Ao que parece, confirma-se, mais uma vez, a atuação da *saliência fônica* nos dados da fala popular feirense.

3.2.4. Faixa etária do informante

Foram muito esclarecedores os resultados obtidos, na amostra da norma popular, com o controle da variável *Faixa etária*. Averiguou-se um favorecimento do uso da concordância padrão apenas nas faixas mais baixas, faixas etárias I e II, com idêntico peso relativo, no valor de .56. Assim, é possível observar um incremento no uso das marcas de número nas formas verbais com P6 no que toca à norma popular feirense; corrobora-se, pois, a hipótese aventada neste estudo, de que, nessa norma do PB, a variante inovadora é a padrão, enquanto, na norma culta, é a não padrão.

Nesse sentido, na Tabela seguinte, ainda que não seja possível observar um padrão crescente com a implementação da concordância padrão, no sentido de partir da faixa etária II em direção à faixa I, é plausível sustentar que a ausência das marcas de número nas formas verbais é uma estratégia antiga na comunidade de fala popular, a qual está sendo substituída pela variante com plural explícito. Os resultados sugerem, pois, que, na fala popular feirense, há uma tendência a um processo de mudança em curso, em direção ao uso das marcas de número nas formas verbais.

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Faixa I	123/425	28.9%	.56
Faixa II	119/408	29.2%	.56
Faixa III	79/477	16.6%	.40
Total	321/1310	24.5%	---

Tabela 12. Atuação da variável *Faixa etária* no uso da CV padrão com P6 na fala popular feirense

Cabe destacar que foi identificado, na norma popular, um processo de mudança em curso a favor da implementação da variante padrão, enquanto, na norma culta, conforme exposto na seção anterior, não foi identificado esse processo. O gráfico seguinte ilustra essa situação bipolarizada na comunidade de fala feirense:

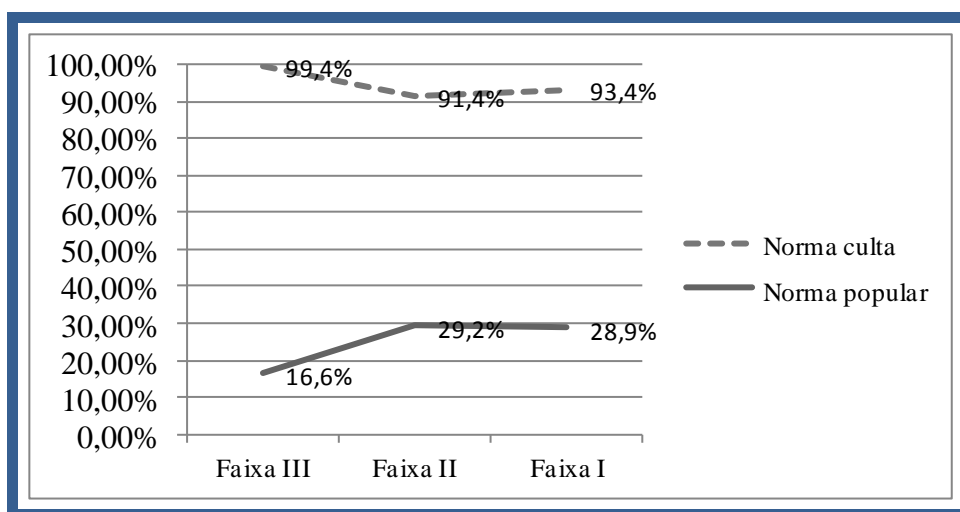


Gráfico 4. Distribuição dos resultados pelas *faixas etárias* no uso da CV padrão na fala culta e popular de Feira de Santana-Ba

Observa-se, na comunidade, um alto uso da variante padrão na fala de informantes escolarizados, enquanto que, entre informantes analfabetos ou parcamente escolarizados, identifica-se um processo de implementação das marcas de concordância de número, ainda que discreta, sendo impulsionado pelos falantes mais jovens da amostra.

No próximo gráfico, é possível depreender a atuação da variável na comunidade de fala investigada:

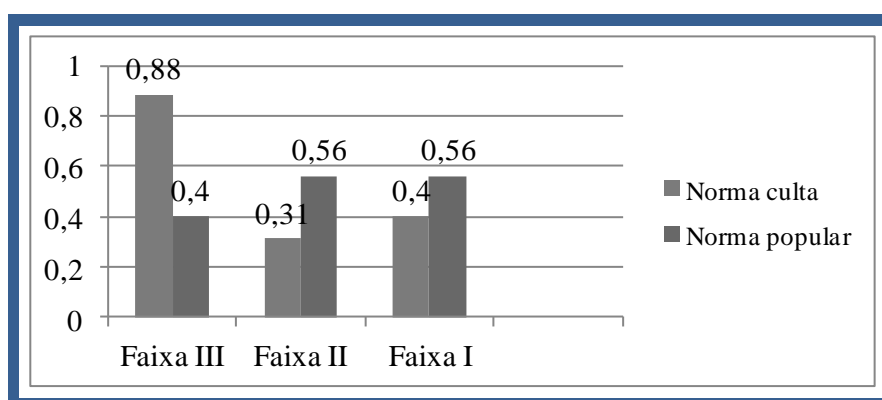


Gráfico 5. Atuação da *faixa etária* no uso da CV na fala culta e popular de Feira de Santana-Ba (pesos relativos)

Fazendo uma projeção histórica da variação na comunidade, confirma-se que a bipolarização no uso da concordância verbal era mais intensa em épocas passadas. Nesse sentido, comparando os valores dos pesos relativos, chama atenção, no Gráfico 5, a significativa diferença entre os pesos relativos na faixa III, que é de **0,48**. Essa diferença torna-se menor a partir da faixa II, sendo de **0,25**, até as variantes alcançarem a menor diferença, **0,16**, na faixa I.

Assim, investigou-se como essa realidade estaria configurada na comunidade de fala de Feira de Santana como um todo. Os resultados para essa investigação, expostos na Tabela 13,

foram obtidos com uma análise estatística dos dados investigados conjuntamente, isto é, os da norma culta acoplados com os da popular.

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Faixa I	301/616	48.9%	.55
Faixa II	395/710	55.6 %	.52
Faixa III	244/643	37.9 %	.43
Total	940/1969	47.7%	---

Tabela 13. Atuação da variável *Faixa etária* no uso da CV padrão com P6 na comunidade de fala de Feira de Santana (normas popular e culta)

Observa-se, portanto, um padrão curvilíneo com um aumento de uso da variante padrão entre os informantes mais jovens, algo que sugere um processo de mudança em progresso, com a aquisição de padrões marcados quanto à morfologia flexional.

3.2.5. Sexo do informante

Os resultados obtidos com o controle desta variável demonstraram que a variante inovadora e prestigiada é mais frequente na fala dos informantes do sexo feminino (28.1%), de maneira que esse fator favorece a aplicação da regra de concordância padrão (.56), conforme pode ser conferido na Tabela 14. Assim, os resultados vão ao encontro do papel que vem sendo atribuído às mulheres nos casos de mudança em progresso, na maioria das análises sociolinguísticas: um papel inovador no uso de formas prestigiadas (Labov 2001: 274).

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Masculino	141/670	21%	.45
Feminino	180/640	28.1%	.56
Total	321/1310	24.5%	---

Tabela 14. Atuação da variável *Sexo* no uso da CV padrão com P6 na fala popular feirense

Nesse sentido, saliente-se que a hipótese que foi levantada neste estudo partia da premissa de que seriam os homens, na norma popular, que favoreceriam o uso da variante padrão. E, para tanto, baseou-se em uma série de estudos que se detiveram em dados da fala popular, a exemplo das pesquisas realizadas por Bortoni-Ricardo (2011[1985]), Rodrigues (1987), Lucchesi e Araujo (2009), entre outras, cujos resultados apontavam para um “maior ajuste” aos padrões urbanos/cultos por parte dos homens. Contudo, a hipótese não foi comprovada, pois, diante dos resultados fornecidos pelo programa estatístico, fica entendido que as mulheres estão à frente no que concerne à implantação das marcas de concordância de número na comunidade de fala de Feira de Santana. Saliente-se ainda que isso ocorre em todas as subamostras da fala popular considerada, inclusive no que concerne aos dados da zona rural (a qual apresentou uma frequência geral da regra padrão com percentual de 21.6%, sendo 19.3% entre os homens e 23.1% entre as mulheres).

A propósito disso, julga-se que o fato de Feira de Santana ser uma cidade onde tanto os homens quanto as mulheres têm oportunidades de adquirir as formas linguísticas prestigiadas –

já que estão ambos atuando no mercado de trabalho, buscando qualificar-se em termos de escolarização e interagindo em diversas redes sociais – explica a atuação das mulheres no favorecimento das regras prototípicas do uso culto, ao contrário do que se dá em comunidades rurais ou em comunidades onde as mulheres ficam mais circunscritas ao ambiente doméstico.

Dado o exposto, se for considerado que aspectos socioculturais têm influência sobre a língua (como está na base dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista), não se pode negar que, da mesma forma, fatos da língua podem ser utilizados como meio para se chegar a um melhor conhecimento de fenômenos sociais (tal como está nos postulados da Sociologia da linguagem). Assim, a realidade vislumbrada por meio dos resultados da variável *Sexo do informante* (bem como da pesquisa de cunho sócio-histórico-demográfico) permite afirmar que Feira de Santana vem, de fato, passando por profundas alterações em sua dinâmica social, deixando para trás uma série de características que a vinculavam a uma pequena cidade com características eminentemente rurais. Portanto, ainda que persista o hiato entre a fala culta e a popular na comunidade feirense, já se constata resultados linguísticos que a vinculam como próxima a cidades com características urbanizadas/ modernizadas, onde as mulheres têm condições de adquirir formas padrão, inclusive favorecendo mais do que os homens tal uso. Coaduna-se, pois, os resultados da fala feirense com os resultados de estudos que focalizaram dados urbanos coletados em cidades nos Estados Unidos e no Canadá (Labov 1975, 1981 e Chambers 1985).

Sobre isso, cabe salientar que também foi investigado como estavam correlacionadas as variáveis *Sexo* e *Faixa etária*, procurando-se examinar se, na norma popular, eram as mulheres da faixa III que apresentavam comportamento linguístico mais tradicional. Os resultados do cruzamento dessas duas variáveis estão expostos na Tabela 15:

Sexo	Faixa etária	Ocorrências/Total	Percentual
Masculino	Faixa I	49/228	21%
	Faixa II	47/176	27%
	Faixa III	45/266	17%
Feminino	Faixa I	74/197	38%
	Faixa II	72/232	31%
	Faixa III	34/211	16%
Total		321/1310	25%

Tabela 15. Frequência de CV padrão com P6 na fala popular segundo o cruzamento das variáveis *Sexo* e *Faixa etária*

Tomando como referência o percentual geral de 25% do uso padrão, constata-se que, entre as mulheres, ocorre um aumento de frequência à proporção que diminui a sua faixa etária. Ao contrário, entre os homens, verifica-se uma oscilação, sendo que, na faixa I, há uma diminuição na frequência de uso da regra padrão em relação ao que se tem na faixa II. Cabe destacar que, na faixa III, o sexo feminino aparece com a menor frequência de uso da variante explícita. Assim, os resultados sugerem que as transformações socioculturais verificadas na história da comunidade de fala, notadamente a expansão do sistema de urbanização, industrialização e de educação, vieram a afetar mais diretamente o comportamento linguístico das mulheres da faixa I e II, as quais tendem a favorecer o uso da variante inovadora da CV com P6. Desse modo, pode ser inferido que, de fato, as mulheres são as responsáveis pela mudança no sistema flexional de

concordância de número na fala popular feirense. Apresentam-se, na próxima Tabela, os resultados para esse cruzamento detalhadamente:

Sexo	Faixa etária						Totais	
Masculino	Faixa I		Faixa II		Faixa III			
Padrão	49/179	21%	47/176	27%	45/266	17%	141/670	21%
Não padrão	179/228	79%	129/176	73%	221/266	83%	529/670	79%
Feminino	Faixa I		Faixa II		Faixa III			
Padrão	74/197	38%	72/232	31%	34/211	16%	180/640	28%
Não padrão	123/197	62%	160/232	69%	177/211	84%	460/640	72%
Totais								
Padrão	123/425	29%	119/408	29%	79/477	17%	321/1310	25%
Não padrão	302/425	71%	289/408	71%	398/477	83%	989/1310	75%

Tabela 16. Frequências da concordância verbal com P6 na fala popular feirense segundo o cruzamento das variáveis *Faixa etária* e *Sexo do informante* (resultados detalhados)

4. CONCLUSÃO

O axioma básico deste estudo foi o de que a interpretação acerca da realidade sociolinguística brasileira deve estar alicerçada num sólido entendimento acerca das condições sócio-históricas que encontrou a língua portuguesa no Brasil. Nesse sentido, este estudo filiou-se a um viés sócio-histórico, isto é, interpretou-se o fenômeno da variação na concordância verbal de número de forma contextualizada, procurando associá-la à formação da realidade sociolinguística brasileira. Para tanto, foi imprescindível a consideração de fatos da sócio-história brasileira, a exemplo do contato entre línguas e dos tardios processos de urbanização e de escolarização, atrelados a uma política de segregação social.

No que tange à concordância verbal, foi feita uma revisão de estudos que focalizaram esse tema e verificou-se que os seus resultados manifestam diferenças e semelhanças. De modo geral, as diferenças sobressaem quando são cotejados resultados de pesquisas com dados de comunidades de diferentes perfis, a exemplo do que ocorre com dados do PE ou da norma culta do PB contrastados com dados do português popular brasileiro. A respeito disso, fica evidente que as variedades populares brasileiras são as que mais preservam os efeitos do contato entre línguas na história sociolinguística do país. Por conseguinte, avaliou-se que muitas das pesquisas já realizadas sobre a concordância verbal no PB desconsideram a existência de duas histórias sociolinguísticas, realizando análises empíricas de dados com diferentes perfis de maneira conjunta, o que, como demonstrado, obscurece o comportamento real da variação.

Assim, na análise empírica deste estudo, acolheu-se a visão da realidade linguística brasileira como bipolarizada (Lucchesi 1994, 2001, 2002, 2006), analisando os dados separadamente, além da forma conjunta. Julga-se que esse procedimento foi pertinente, pois, desse modo, foi possível investigar a existência de possíveis entrecruzamentos na comunidade de fala feirense, tendo-se em conta que esta comunidade pode ser tomada como representativa do que ocorre no geral das comunidades urbanas brasileiras neste limiar do século XXI.

Os resultados indicam que, não obstante as contínuas mudanças ocorridas na dinâmica social do Brasil a partir da década de 1940 do século passado, com um aumento de estradas e com a democratização de acesso ao ensino e aos meios de comunicação de massa – aspectos que

umentam a chance de aquisição de formas linguísticas privilegiadas –, ainda prevalece um hiato entre a fala do segmento culto e a do segmento popular. Em outras palavras, ainda é possível depreender, nos padrões de fala atuais do PB, uma variação diastrática no que tange ao uso da concordância verbal de número, algo que reflete as condições de formação da variedade brasileira da língua portuguesa. Nesse sentido, frisa-se a estreita relação entre baixa ou nula escolaridade e a origem pobre dos informantes, algo que, por sua vez, vincula-se à exclusão a que, por séculos, foi submetida uma parcela da população no Brasil, gerando a existência de duas histórias sociolinguísticas brasileiras.

Na amostra do Português Culto de Feira de Santana, detectou-se uma variação com índices que demonstram que o uso da variante zero na concordância verbal com sujeitos de terceira pessoa do plural é um fenômeno marginal, pois só foi detectado um índice de 6.1% dessa variante. Com essas ocorrências, verificou-se que a variante não padrão ocorre em contextos pontuais e, mais ainda, naqueles amplamente apontados na literatura como desfavorecedores da concordância, a exemplo de *posposição de sujeitos, de separação entre sujeito e verbo* e de *sujeitos compostos*. Precisamente, 67,5% dos dados da variante não padrão encontrados na fala culta concentram-se nesses contextos. Já na amostra do Português Popular, detectou-se uma realidade distinta, pois 75,5% das ocorrências de formas verbais com sujeitos de P6 foram com a variante não padrão, essas ocorrendo em diferentes contextos, inclusive nos mais salientes.

Para além dessa distribuição diferenciada das frequências de uso das variantes, os resultados fornecidos pelo programa estatístico também revelaram diferenças consideráveis no que concerne à seleção das variáveis nas duas normas sob análise. Dentre essas, destacam-se os resultados da variável *faixa etária*, selecionada como estatisticamente relevante nas duas subamostras pesquisadas, porém com resultados divergentes. Na norma popular, foi observado um padrão ascendente, com os mais jovens usando mais a variante padrão do que os mais idosos, ao passo que, na norma culta, são os mais idosos que mais a usam, embora as frequências de uso sejam altas em todas as faixas etárias. Assim, confirmou-se a hipótese reitora deste estudo: a de que está havendo um incremento das marcas de plural na fala popular do PB, sendo esta a forma inovadora, e um afrouxamento dos rígidos padrões de correção linguística na fala culta (sendo inovadora a variante não padrão). A formulação dessa hipótese e a interpretação dos resultados foram estabelecidas tendo-se como base a visão sócio-histórica que embasa esta pesquisa.

Nesse sentido, quanto à projeção histórica da variação ou, para usar a terminologia laboviana, quanto à *implementação da mudança* no cômputo geral da comunidade de fala pesquisada, julga-se que a variação ficará por um bom tempo como um típico caso de variação estável, pois se, nas variedades cultas, verifica-se uma tendência para o uso da variante zero na fala dos mais jovens, o estereótipo sociolinguístico ligado ao uso dessa forma impede a implementação de um sistema sem flexão de plural nas formas verbais na fala culta. Por outro lado, quanto às variedades populares, sendo mantidas as condições de exclusão a bens culturais a uma imensa parcela da população, os seus usuários continuarão a utilizar a variedade da língua portuguesa gerada na situação de contato entre língua e forjada no seio da classe trabalhadora do período colonial e imperial do Brasil.

Outra variável que trouxe resultados esclarecedores aos propósitos deste texto foi a *saliência fônica*, só tendo sido selecionada nos dados da fala popular. Como se argumentou, essa variável é importante, pois permite trazer elementos para a discussão acerca da formação do PB. Os estudos têm demonstrado que somente nas variedades mais afetadas pelo contato entre línguas, essa variável tem se mostrado relevante, com exceção dos trabalhos de Naro e

Scherre (2007) e no de Monte (2012); neste último, apenas a variável foi selecionada quando o verbo ‘ser’ estava incluído.

Os resultados obtidos para a variável *sexo do informante* revelaram que as mulheres são as que mais favorecem o uso da variante padrão. Isso demonstra que a realidade sociolinguística da comunidade de Feira de Santana se vincula àquelas em que as mulheres têm condição de adquirir formas linguísticas privilegiadas, ao contrário do que ocorre em comunidades menos urbanizadas. A propósito, os resultados concernentes à diazonalidade mostraram que é na zona rural que há um desfavorecimento da variante padrão, embora, em termos de frequência de uso, os resultados da norma popular *urbana* e *rural* estejam próximos.

Por ora, afirma-se que este estudo trouxe uma contribuição ao desvendamento da realidade sociolinguística brasileira atual, focalizando como estão distribuídos os polos sociolinguísticos brasileiros e trazendo, igualmente, elementos para mensurar a representatividade e as consequências do contato entre língua na história sociolinguística do PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anjos, Sandra Espínola. 1999. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Inédita.
- Araujo, Silvana Silva de Farias. 2012. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro, *Papia*, 22(1): 91-110.
- Araujo, Silvana Silva de Farias. 2014. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*, Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.
- Araujo, Silvana Silva de Farias e Norma Lucia F. de Almeida. 2014. O projeto A língua portuguesa no semiárido baiano Fase 3: critérios de constituição e da amostragem do Banco de dados, em R. M. Freitag (org.), *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo, Editora Edgard Blücher: 01-22.
- Berlink, Rosane de Andrade. 1989. A construção V SN no português do Brasil: Uma visão diacrônica do fenômeno da ordem, em Fernando Tarallo (Org.), *Fotografias Sociolinguísticas*, São Paulo, Pontes: 95-112.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. 2011. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris; Maria da Guia Taveiro Silva, Maria do Rosário Rocha Caxangá e Maria Vieira Lins. 2008. Raízes sociolinguísticas do analfabetismo no Brasil, *Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*, 04: 215-234.
- Candeias, António et al. 2007. *Alfabetização e escola em Portugal nos Séculos XIX e XX, Os censos e as estatísticas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. 2010. *Geolinguística: tradição e modernidade*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Carneiro, A. Henriques. 2003. *Evolução e controlo do ensino em Portugal: da fundação da nacionalidade ao 1º Ministério da Instrução Pública*, Prefácio de Rogério Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chambers, J. K. 1996. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*, Oxford/Cambridge, Blackwell.
- Coelho, Izete Lehmkhul e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. 2007. Correlação entre ordem do sujeito e concordância verbal: um estudo das restrições sintático-semânticas, *Cadernos de Pesquisas em Linguística (PUCRS)*, 3: 37-51.
- Cunha, Celso. 1972. *Língua portuguesa e realidade brasileira*, 3. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Freitas, Nacelice Barbosa. 1998. *Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização 1970-1996*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.
- Funari, Pedro Paulo de. 1996. A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana, em J. J. Reis e F. dos S. Gomes (orgs.), *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras: 26-51.
- Gandra, Ana Sartori. 2009. A concordância verbal no português europeu rural, em K. Oliveira, H. F. Cunha e Souza e L. Gomes (orgs.), *Novos tons de rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*, Salvador, EDUFBA: 142-161.
- Graciosa, Diva Maria Dias. 1991. *Concordância verbal na fala culta carioca*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.

- Guy, Gregory. 1981. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*, PhD Dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- Guy, Gregory. 1989. On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese, em *Estudos sobre el Español de América y Lingüística Afro americana*, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo: 227-245.
- Guy, Gregory. 2005. A questão da crioulização no português do Brasil, em A. M. S. Zilles (org.), *Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul*, Porto Alegre, Editora da UFRGS: 15-62.
- Holanda, Sérgio Buarque de. 1963. *Raízes do Brasil*, Prefácio de Antônio Cândido, 4. ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- Labov, William. 1966. *The social stratification of English in New York City*, Washington, D.C., Center for Applied Linguistics.
- Labov, William. 1974. Estágios na aquisição do inglês standard, em M. S. Fonseca e M. F. Neves (orgs.), *Sociolingüística*, Rio de Janeiro, Eldorado: 99-118.
- Labov, William. 1982. Building on empirical foundations, em W. Lehman e Y. Malkiel (eds.), *Perspectives on historical linguistics*, Amsterdam, John Benjamins: 17-92.
- Labov, William. 1975. On the use of the present to explain the past, em L. Heilmann (ed.), *Proc. of the 11th Int. Congr. of Linguists*, Bologna, Il Mulino: 825-851.
- Labov, William. 2003. Some sociolinguistic principles, em C. B. Paulston e G. R. Tucker (orgs.), *Sociolinguistics: the essential readings*, Oxford, Blackwell: 235-250.
- Labov, William. 2008. *Padrões sociolingüísticos*, Tradução M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso, São Paulo, Parábola Editorial.
- Lemle, Miriam e Anthony Julius Naro. 1977. *Competências básicas do português*, Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford.
- Lucchesi, Dante. 1994. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12:17-28.
- Lucchesi, Dante. 1998. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular, em S. Große e K. Zimmermann (eds.), *"Substandard" e mudança no português do Brasil*, Frankfurt AM Main, TFM: 73-100.
- Lucchesi, Dante. 2000. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Lucchesi, Dante. 2001. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000), *DELTA*, v.17 (1): 97-132.
- Lucchesi, Dante. 2002. Norma lingüística e realidade social, em M. Bagno (org.), *Lingüística da norma*, São Paulo, Edições Loyola: 63-92.
- Lucchesi, Dante. 2006. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro, *Revista da ABRALIN*, 5 (1 e 2): 83-112.
- Lucchesi, Dante. 2009. História do contato entre línguas no Brasil, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 41-73.
- Lucchesi, Dante. 2011. *Os limites da Variação na Gramática*, Comunicação apresentada em Mesa Redonda durante o Congresso Internacional da ABRALIN, Curitiba, 2011.
- Lucchesi, Dante. 2012. A Teoria da Variação Lingüística: um balanço crítico, *Estudos Lingüísticos*, 2: 793-805.
- Lucchesi, Dante e Silvana Silva de Farias Araujo. 2004. *A teoria da variação lingüística*. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>
- Lucchesi, Dante e Alan Baxter. 2009. A transmissão lingüística irregular, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 101-124.
- Lucchesi, Dante; Alan Baxter e Jorge Augusto Alves da Silva. 2009. A concordância verbal, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 331-371.
- Lucchesi, Dante e Ilza Ribeiro. 2009. Teorias da estrutura e da mudança lingüísticas e o contato entre línguas, em D. Lucchesi; A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 125-153.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1989. A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância, em R. V. Mattos e Silva. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 488-507.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2008. *Caminhos da lingüística histórica: ouvir o inaudível*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Monguillott, Isabel de Oliveira e Silva. 2001. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Inédita.

- Monguilhott, Isabel de Oliveira e Silva. 2009. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Inédita.
- Monte, Alexandre. 2007. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- Monte, Alexandre. 2012. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012. Inédita.
- Mussa, Alberto B. N. 1991. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Naro, Anthony Julius. 1981. The social and structural dimensions of syntactic change, *Language*, 57(1): 63-98.
- Naro, Anthony Julius e Maria Marta Pereira Scherre. 1993. Sobre as origens do português popular do Brasil, *DELTA*, 9: 437-454.
- Naro, Anthony Julius e Maria Marta Pereira Scherre. 2007. *Origens do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Nina, Terezinha de J. C. 1980. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Microrregião Bragantina*, Dissertação de Mestrado, PUC-RS, Porto Alegre. Inédita.
- Oliveira, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. 2000. *De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.
- Oliveira, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. 2011. “*Canções da cidade amanhecendo*”: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960, Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília. Inédita.
- Oliveira, Marian dos Santos. 2005. *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Vitória da Conquista: um caso de variação estável*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.
- Pagotto, Emílio. 1998. Norma e condescendência: ciência e pureza, *Línguas e instrumentos lingüísticos*, 2: 49-68.
- Paiva, Maria Conceição Auxiliadora e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. 2003. Introdução: a mudança lingüística em curso, em M. da C. Paiva e M. E. L. Duarte (orgs.), *Mudança lingüística em tempo real*, Rio de Janeiro, Editora Contra Capa: 13-29.
- Pereira, Deize Crespim. 2004. *Concordância Verbal na língua nas trilhas das bandeiras paulistas*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Pontes, Eunice. 1986. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*, São Paulo, Ática.
- Price, Richard. 1996. Palmares como poderia ter sido, em J. J. Reis e F. dos S. Gomes (orgs.), *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras: 52-60.
- Rodrigues, Ângela Cecília de Souza. 1987. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Rubio, Cássio Florêncio. 2012. *Padrões de concordância e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. Inédita.
- Sankoff, David, Sali A. Tagliamonte e Eric Smith. 2005. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*, Toronto, Department of Linguistics; Ottawa, Department of Mathematics. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.
- Sapir, Edward. 1954. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala*, Tradução de J. M. Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.
- Scherre, Maria Marta Pereira. 2007. Introdução, em A. J. Naro e M. M. P. Scherre, *Origens do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial: 17-23.
- Scherre, Marta e Anthony Naro. 1997. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente, em D. da Hora (org.), *Diversidade Lingüística no Brasil*, João Pessoa, Idéia: 93-114.
- Scherre, Maria Marta Pereira e Anthony Julius Naro. 1993. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil, *DELTA*, 9(1): 1-14.
- Silva, Jorge Augusto Alves da. 2005. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*, Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.
- Síntese dos Indicadores Sociais – SIS. 2010. *Versão on line*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidenciais/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717 id_pagina=1_
- Silva Neto, Serafim da. 1963. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2. ed., Rio de Janeiro, INL.
- Souza, Pedro Daniel dos Santos. 2005. *A variação na concordância verbal na primeira fase do período arcaico da língua portuguesa: séculos XIII – XIV*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédita.

- Vieira, Silvia Rodrigues. 1995. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do norte fluminense*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog. 2006 [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, Tradução de M. Bagno; revisão técnica C. A. Faraco; posfácio de M. da C. Paiva e M. E. L. Duarte, São Paulo, Parábola Editorial.